

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação
DULCILEY ISAURA BUSCALIN FERREIRA DA SILVA

TCC/UNICAMP S138C



1290002808



A CONQUISTA DE UM LUGAR AO SOL:

Movimento de mulheres por creche pública em Campinas



As pioneiras 1981. Fotografia que inspirou esta pesquisa.

Campinas, 2005

UNICAMP - BIBLIOTECA

252909002

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação
DULCILEY ISAURA BUSCALIN FERREIRA DA SILVA

A CONQUISTA DE UM LUGAR AO SOL:
Movimento de mulheres por creche pública em Campinas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
exigência parcial para o curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação, UNICAMP.

Orientadora: Profª Drª Agueda Bernardete Binttencourt.

Campinas, 2005

UNIDADE:	F.E
Nº CHAMADA:	00000000
V:	2808
TOM:	123/2006
PROG:	X
C:	X
PREÇO:	24.03.06
DATA:	24.03.06
Nº CPD:	2808

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

SI38c Silva, Dulciley Isaura Buscalin Ferreira da.
A conquista de um lugar ao sol : movimento de mulheres por uma creche pública em Campinas / Dulciley Isaura Buscalin Ferreira da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadores : Agueda Bernardete Bittencourt.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Creches. 2. Movimentos sociais urbanos. 3. Movimento de mulheres.
I. Bittencourt, Agueda Bernardete. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-311-BFE

*Dedico este trabalho a minha irmã Dórisley de Cássia
Buscalin, amiga, companheira e grande incentivadora.*

“Tudo é loucura ou sonho no começo, nada que o homem fez no mundo não tem início de outra maneira- mas já tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum.”

(Monteiro Lobato)

Agradecimentos :

Agradeço a Deus pelo conforto e confiança que Nele encontro.

A meus pais Olívio (*in memoriam*) e Júlia, minha mãe e amiga .

Ao Donizetti e aos nossos filhos: Luanda, Vitor André, Luciana e Vinnícius .

Ao meu sobrinho Murillo, ao Milton, Mário e Aline.

As amigas: Adriana Fahl, Damaris, Eliane Testa, Janalice e Rita, pelos anos de convivência e cumplicidade.

As professoras: Roseli Cação pelos contos e poemas lidos no início de cada aula, pela dedicação e mediação afetuosa com a qual conduziu-me ao conhecimento.

Ana Lúcia Goulart de Farias, por ter-me apresentado a Agueda e pelo interesse e atenção,que sempre tem por suas alunas.

Agueda pela forma carinhosa que me recebeu junto com os seus orientandos, por possibilitar minha participação no FOCUS, pela cumplicidade, alegria e orientações no desenvolver desta pesquisa.

Vera De Rossi, pela leitura e pelo seu parecer .

A Luciana pelos muitos encontros na RODA.

Aos meus alunos, com quem aprendo sempre.

As colegas de trabalho com quem compartilho meus ideais.

Por fim as mulheres do Clube de Mães, com o meu respeito e carinho.

Sumário

DEDICATÓRIA.....	i
EPÍGRAFE.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
TABELAS E IMAGENS.....	vi
RESUMO.....	vii
1.INTRODUÇÃO.....	1
2.DO CLUBE DE MÃES A FUNCIONÁRIAS PÚBLICAS.....	8
2.1 A INALGURAÇÃO.....	8
2.2 A COMUNIDADE SE ESTABELECE.....	11
2.3 CHEGAM NOVOS PERSONAGENS.....	13
2.4 A REIVINDICAÇÃO DE UMA CRECHE PÚBLICA.....	16
2.5 DO CLUBE DE MÃES A FUNÇÃO PÚBLICA.....	18
2.6 DIVIDINDO TAREFAS NOS PRIMEIROS TEMPOS.....	21
2.7FUNCIONÁRIAS UNIFORMIZADAS.....	26
2.8CONFLITOS E MUDANÇAS.....	28
2.9TEMPOS DE CALMARIAS.....	30
2.10DECLÍNIO DO CLUBE DE MÃES.....	32
3.CRIAÇÃO DE CRECHES: PROJETO POLÍTICO ASSISTENCIAL DO MUNICÍPIO.....	34
3.1 O ESPAÇO FÍSICO.....	34

3.2 TEMPOS DE LIBERDADE.....	39
3.3 CRITÉRIOS PARA OBTENÇÃO DE VAGAS.....	40
3.4 HIGIENE E ALIMENTAÇÃO.....	42
3.5A ROTINA.....	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
5. ANEXOS.....	51
6. BIBLIOGRAFIA.....	55

Tabelas

Relação das freqüentadoras do Clube de Mães.....	20
Organograma dos funcionários do Centro Infantil 198.....	25

Resumo

A proposta desta pesquisa é investigar a história da reivindicação e construção do Centro de Educação Infantil “Maria Antonina Mendonça de Barros” a partir do movimento de mulheres “Clube de Mães” do jardim Santa Eudóxia na cidade de Campinas, ocorrido na década de 70.

Quais as formas de articulação e reivindicação para a construção da creche; o processo da escolha dos funcionários; a profissionalização de algumas mulheres que participaram deste movimento; a inauguração da Creche.

A importância de conhecer para poder compreender esta creche através da história, as problemáticas que a envolvem, as concepções que nortearam suas ações também são objetivos desta pesquisa.

Palavras chaves: creche pública, movimentos sociais urbanos, mulheres, práticas reivindicatórias, serviço social.

I Introdução

Foi na época em que o Centro de Educação Infantil "Maria Antonina Mendonça de Barros" completava vinte anos de funcionamento que pela primeira vez vi a fotografia das pioneiras.

A imagem passava de mão em mão trazendo, às funcionárias mais antigas, muitas lembranças e histórias que eram narradas com emoção, saudade, orgulho e cumplicidade.

Do que falavam essas mulheres?

Falavam de um Clube de Mães, do movimento para construção da creche, do processo de contratação para o trabalho como funcionárias públicas, da busca de um espaço voltado para a segurança e educação das crianças que garantisse o direito ao trabalho das mulheres e de mudanças em suas vidas.

Histórias de crescimento pessoal, de ideais e sonhos partilhados por essas mulheres que no final da década de 1970, se colocaram em movimento por uma creche pública.

Nós, as professoras formadas, nomeadas, legítimas e procedentes de outros bairros, ouvíamos o burburinho, sem entender o que se passava. Tínhamos algumas reservas diante de tantas funcionárias cuja instrução estava aquém da esperada, que mostravam conhecimento da situação do bairro e sobre as condições de vida das crianças, já que residiam próximo à creche, mas que não queriam compartilhá-las conosco.

Por seu lado, as funcionárias também tinham reservas, nos olhavam com ar desconfiado, sem compreender as mudanças proposta pela Secretaria da Educação e tendo que dividir com os professores as responsabilidades da educação das crianças e os espaços do Centro Infantil, que já lhes havia pertencido por inteiro.

A resistência que encontramos para implantar novas propostas que de algum modo vinha a questionar e modificar práticas muito presentes nesta instituição, criou um clima de tensão. Nós que chegávamos pouco sabíamos das origens desta instituição e reconheço que a *"tendência a apagar os traços individuais de um objeto é diretamente*

proporcional a distancia emocional do observador”¹ e não nos preocupamos com as singularidades deste novo ambiente de trabalho.

Fomos trazendo nossas concepções de educação, de infância, histórias pessoais e fomos nos apropriando deste novo espaço, sem conhecer as suas particularidades, sem prestar atenção em quem já estava ali e, por isso, nem sempre obtendo bons resultados.

Nós, que chegamos nos Centros Infantis no ano de 1991, graças ao cumprimento da Lei Constitucional de 1988 e da Lei Orgânica do Município de Campinas de 1990, que desvinculava as creches da Secretária da Promoção Social e as incluíam na Secretaria da Educação, vindas de outras regiões de Campinas, com nossas histórias e ideais educacionais, designadas aos nossos cargos através de concurso público e de todos os trâmites legais, desconhecíamos as origens dessa unidade educacional, que para nós era um local de trabalho como tantos outros que constava na relação de cargos vagos oferecidos pela rede Municipal de Ensino de Campinas.

Atenta às conversas informais das funcionárias mais antigas, às lembranças destas pioneiras vindas à tona através da fotografia, vi surgir o interesse pela história do Centro de Educação Infantil “Maria Antonina Mendonça de Barros”, que proponho registrar neste Trabalho de Conclusão do meu Curso de Pedagogia.

Descobri então que o Centro de Educação Infantil era a conquista dessas mulheres através de um movimento empreendido a partir de um “Clube de Mães”, no final da década de setenta.

Procurando conhecer para compreender através da história, a forma como surgiu este Centro de Educação Infantil, buscando suas especificidades, a relação entre a origem e a luta das fundadoras, por que tal conhecimento pode contribuir para que, respeitando estas particularidades venhamos a construir neste, Centro de Educação Infantil, um trabalho cooperativo e singular.

A iniciativa de registrar a história que deu origem a este Centro de Educação Infantil foi cercada pela aprovação das funcionárias que participaram do movimento para a sua construção e de toda a equipe escolar, já que não encontramos documentos oficiais que nos relatem esse fato.

¹ Ginzburg, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. 1989. p. 163

A minha primeira impressão foi de uma completa ausência de documentos oficiais nos órgãos públicos e no Centro Infantil, mas atenta ao fato de que *“a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”*² procurei efetivar minha proposta, buscando documentos que confirmassem ou completassem os relatos das mulheres: documentos das atividades da Associação de Moradores do Jardim Santa Eudóxia, planta arquitetônica da construção da creche, fotografias e notícias de jornais da cidade de Campinas dos anos de 1978 a 1981, além de seguir buscando decretos, fotografias oficiais, processo de licitação para a construção da creche.

Usei como fonte também, apostilas de procedimentos e treinamento da assistente de enfermagem elaborada em 1981 pela equipe do serviço médico escolar da Prefeitura Municipal de Campinas, decreto de nomeação da creche.

Optei por recolher depoimentos orais de mulheres que participaram do movimento e da primeira orientadora pedagógica desta instituição, mas como nos ensina Marc Bloch *“um fenômeno humano é sempre um elo de uma série que atravessa as eras”*, durante a pesquisa recorri a outras fontes e entrevistei outros sujeitos que me ajudaram a encontrar elos entre fatos sociais que ocorreram na época da construção da creche e algumas observações feitas pelas depoentes.

Iniciei o estudo de campo no segundo semestre de 2004, através de entrevista com algumas mulheres que participaram do Clube de Mães, dentre elas: Maria Jacyntha Westin, Marli Helena Purchatti, Maria Leonor Damaceno, Dorvalina F. Ferreira e Luzia Zamiani Delgado, que muito colaboraram através de entrevistas, depoimentos e lembranças com esta pesquisa, algumas delas registradas em bilhetes e conversas informais pelos corredores do Centro Infantil onde nós trabalhamos.

Como uma das formas de coleta de dados, utilizei entrevistas centradas na história das informantes, com perguntas dirigidas para completar alguns registros e outras vezes usando fotografias para desencadear os depoimentos.

O número de entrevistas realizadas não foi o mesmo para todas as informantes, tendo interferido na quantidade, a disponibilidade do entrevistado e a necessidade de

² Marc Bloch. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. P.79

complementar algumas informações que surgiam durante a transcrição e a sequência da pesquisa. Algumas entrevistas foram gravadas em fita K7, outras anotadas diante do entrevistado e algumas anotações ocorreram logo após encerrarmos o encontro. Todas estas estratégias tiveram o consentimento dos depoentes.

Foi a Luzia Zamiani Delgado que sugeriu o nome de algumas pessoas para que eu entrevistasse, *“isso eu não estou lembrada, mas pergunte para...”*, ela também falou sobre esta pesquisa para outras antigas integrantes do Clube de Mães que me procuraram e espontaneamente falaram sobre suas histórias.

Algumas pessoas que ela sugeriu como o Sr. Alduíno Cristovam da Silva, vice presidente da Associação de Moradores em 1978 e sua esposa, uma das líderes do “Clube de Mães”, a Sr.^a Zilda Rosa da Silva e o ex-irmão, missionário Terencio Wills, consegui localizá-los graças a colaboração de Donizetti Ferreira da Silva, morador no bairro nesta época.

Com o decorrer da pesquisa senti necessidade de conhecer a concepção de educação que norteou a construção da creche e então procurei o engenheiro responsável pelo Departamento de Arquitetura Escolar da época em que a creche foi construída, Sr. Pedro Penazotto.

Como investigadora que procura reconstituir um processo que não vivenciei, fui procurando, nos relatos, pontos em comum, as repetições, as ênfases em determinadas situações, sabendo que elas me fornecem

um conhecimento através de vestígios... marca, perceptível aos sentidos deixada por um fenômeno em si mesmo impossível de captar” e que” o indivíduo percebe apenas um cantinho estreitamente limitado por seus sentidos e sua faculdade de atenção³.

Entre as cinco mulheres do Clube de Mães entrevistadas, percebo que cada uma dá maior importância a um aspecto distinto da história.

A Maria Leonor Damaceno relata com detalhes os encontros das Assembléias do Povo e das Comunidades Eclesiais de Base. A Maria Jacyntha Westin. Destaca os movimentos sociais urbanos, as Comunidades Eclesiais de Base, o relacionamento com a Secretária de Promoção Social e a formação de novos partidos políticos. A Marli

³ Marc Bloch. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. P.73

Helena Purchatti tem como referência a relação de hierarquia com as assistentes sociais. A Dorvalina Ferreira em seus depoimentos apresenta fatos ligados às crianças e a Luzia Zamiani Delgado tem viva em sua fala o “Clube de Mães”, seus encontros e atividades.

Sem descuidar da singularidade de cada depoimento, procurei buscar nas entrevistas pontos em comum, atenta às expressões, as cadências, ao vocabulário, as emoções expressas nessas mulheres.

O local em que as entrevistas foram concedidas também despertou meu interesse. Quatro destas depoentes escolheram o ambiente de trabalho para as entrevistas alegando a facilidade de nos encontrarmos após o expediente ou durante o horário de repouso das crianças.

A Maria Jacyntha Westin recebeu-me em sua casa e fez questão que conversássemos na saleta íntima que está localizada no porão da residência onde anteriormente ocorriam as reuniões do “Clube de Mães”. Sobre a mesa, lateral ao sofá, estava o “Livro de Assinaturas de Visitantes Ilustres”, que ela guarda de recordação dos primeiros anos de funcionamento da creche.

Quando cheguei à sua casa para a entrevista, já sabia da existência deste “Livro de Assinaturas”, o qual foi citado várias vezes pelas outras mulheres como um documento importante, pois nele estavam registrados os visitantes. A Luzia Zamiani Delgado, chegou a pedir este livro emprestado para me mostrar, o que lhe foi negado.

Cada vez que ela falava do livro a minha curiosidade sobre ele aumentava e confesso que cheguei ao encontro para essa entrevista cheia de argumentos para persuadi-la a colaborar com a pesquisa deixando que eu examinasse este documento. E ele estava ali, a minha disposição na mesa lateral e, percorrendo suas páginas, fui encontrando mensagens e assinaturas de pessoas do bairro e de autoridades. Esse é o único documento do “Clube de Mães”, pois elas não faziam registros das reuniões.

Ali fui encontrando mensagens carinhosas como da diretora do Serviço Social da Secretaria da Promoção Social, a sr^a Ester Viana, da D^a Marília M. do Amaral, Primeira Dama da cidade, que elogiava a limpeza da creche e parabenizava “*os lutadores e organizadores que merecem grande aplauso*”, da deputada Irmã Passoni e de outros políticos do município.⁴

⁴ Anexo fotocópias das mensagens e assinaturas.

Encontrei também algumas páginas com assinaturas dos moradores do bairro e nela reconheci o nome das mulheres do Clube de Mães. Seus familiares também visitaram a creche nos primeiros dias de funcionamento e registraram suas visitas neste caderno

O Sr. Alduino Cristovam da Silva e a Zilda Rosa da Silva receberam-me, tendo em mãos alguns documentos da associação de bairro na época de sua fundação e posteriormente me enviou outro, através do Donizetti Ferreira da Silva.

O Sr. Terencio Wills recebeu-me em sua residência junto com sua esposa, numa sala com muitas fotografias dos seus filhos e livros. O engenheiro Pedro Penazotto no Arquivo Histórico Municipal, local onde localizei as plantas arquitetônicas de algumas creches e parques infantis.

As fotografias que utilizei são todas pertencentes às funcionárias e mulheres do Clube de Mães. São fotos posadas, algumas feitas por fotógrafo profissional, com destaque para a foto que deu origem a esta pesquisa, onde encontramos as mulheres, agora funcionárias públicas, uniformizadas, em pose tradicional para fotos em grupo, algumas em pé e outras agachadas na frente, tendo como fundo o prédio da creche. Esta posição revela o orgulho em relação ao prédio da creche, símbolo de vitória da luta empreendida.

Outras fotografias registram as primeiras festas e foram feitas pelas próprias funcionárias, que apesar de não terem muita intimidade com a câmera fotográfica, vão registrando nas imagens *"uma gama de valores éticos e estéticos de uma classe e de um determinado grupo social"*⁵, selecionando fatos e personagens significativos para fotografarem.

As mulheres não possuem imagens da festa de inauguração da creche. Procurei fotos oficiais, porém não consegui localizar em jornais ou nos arquivos públicos municipais nenhuma imagem desta inauguração.

Através da Sr.^a Iracema Salgado, assessora do fotógrafo oficial da Prefeitura Municipal de Campinas, Sr. Luis Grazotto, fiquei sabendo que na época da inauguração da creche a revelação fotográfica era muito cara e só os eventos de maior

⁵ Campos, S. S. Maria Cristina. A Associação da Fotografia aos relatos orais na reconstituição Histórico-sociológica da Memória Familiar. p 76. 1999

importância tinham seus filmes revelados, apesar de todas as inaugurações serem fotografadas.

A quantidade de rolos de filmes a espera de revelação e catalogação é grande e se encontram armazenadas em uma sala especial na Prefeitura Municipal de Campinas. Os responsáveis contam com a possibilidade de um convênio com as Universidades ou Empresas que demonstrem interesse neste material para iniciar uma pesquisa, catalogação e recuperação destes documentos. Existem algumas fotografias micro-filmadas, porém não do período em que a creche foi inaugurada. Bourdieu,

vê as fotografias como uma referência de integração e de força do grupo social fotografado. As imagens fotográficas seriam uma forma de sacralizar, de eternizar, de dar valor a alguns objetos em detrimento de outros.

O que me leva a questionar os critérios utilizados na hora de selecionar quais filmes seriam revelados.

Através do desenvolvimento desta pesquisa encontro indícios que levam a supor a pouca importância dada pelos órgãos públicos à inauguração desta creche. Tenho a hipótese de que tal desinteresse foi motivado talvez pela troca do secretário da Promoção Social poucos dias antes da cerimônia de inauguração e a ausência do Prefeito. Nos jornais pesquisados também não há registro da inauguração, somente uma pequena nota foi encontrada, num jornal de baixa circulação registrando o início das atividades, em 13 de abril de 1981⁶.

⁶ anexo. Jornal de Hoje

II Do Clube de Mães à Funcionárias Públicas

2.1 A Inauguração

A imagem privilegiada na memória das mulheres entrevistadas é a da festa da inauguração do Centro Municipal de Educação Infantil “Maria Antonina Mendonça de Barros”⁷ e a emoção de ver o projeto do Clube de Mães concluído .

Vinte e oito de março de mil novecentos e oitenta e um, dia de festa - a tão sonhada creche é inaugurada!

Para as mulheres do “Clube de Mães” o dia é muito especial, pois toda a cerimônia de inauguração foi preparada por elas. Para a celebração de Ação de Graças o convidado, não podia ser outro se não o padre Benedetti. A Banda dos Homens de Cor, na qual o pai da Rita de Cássia Marçal, membro do Clube de Mães era músico, estava encarregada de executar o hino nacional e abrilhantaria a festa com um programa musical. A deputada Irmã Passoni estaria presente e a Sr.^a Ana Maria Santos Dias⁸, teria a honra de cortar a fita inaugural. A bandeira Nacional seria hasteada no mastro apropriado que ficava na entrada do prédio.

Já era do conhecimento de todos que o prefeito Francisco Amaral não estaria presente, pois estava adoentado e seria representado pelo recém nomeado secretário da promoção social o Sr. Geraldo César Bassoni que havia assumido a Secretaria da Promoção Social em três de março de mil novecentos e oitenta e um. Estaria presente também, a Sr.^a Ester Viana, diretora do serviço social que ocupou interinamente a pasta da Promoção Social no período de janeiro a março de 1981.

Toda a comunidade foi convidada, assim como lideranças de outras entidades, membros do Partido dos Trabalhadores, do Clube de Mães, da administração pública, as assistentes sociais e representantes da Secretaria.

⁷ A patrona desta instituição foi esposa do prefeito de Campinas o Drº Antonio Mendonça de Barros (1955 à 1958). Quando a creche foi inaugurada ela já havia falecido.

⁸ Esposa do sindicalista Santos Dias da Silva, líder sindical ligado a Pastoral Operária, que participou da resistência ao regime militar e membro das comunidades de Base, assassinado em novembro de 1979 no ABC paulista.

Esta foi a sétima creche construída na administração do prefeito Francisco Amaral, dentro do seu programa de governo de “Máximo Benefício Social” e outras cinco se encontravam em construção.”⁹

Essas creches, construídas em bairros periféricos, vinham ao encontro das reivindicações de moradores, muitos dos quais organizados e participantes dos movimentos sociais como a Assembléia do Povo, as Comunidades Eclesiais de Base, a Pastoral das Vilas Planejadas, da Pastoral Operária e do recém fundado Partido dos Trabalhadores.

A importância política de que se revestiu este evento, congregando lideranças civis, religiosas, num momento de efervescência política, apontavam para um crescente envolvimento político e comunitário das mulheres do Clube de Mães.

A escolha da senhora Ana Maria Santos Dias, esposa do líder sindical Santos Dias, para cortar a fita inaugural, a presença da deputada Irmã Passoni, agora primeira secretária nacional do PT, da Igreja Católica através dos Irmãos da Congregação da Santa Cruz e dos padres Guedes e Benedetti, a presença de políticos envolvidos nas mudanças sociais que o país atravessava, vinham consolidar a importância da participação comunitária através dos Movimentos Populares que geraram mudanças nas regras das relações entre Estado e a sociedade no final da década de 70 e início dos anos 80.

As escolhas feitas pelas organizadoras deste evento nos apontam para um grau de maturidade política deste grupo de mulheres, que não ficou esperando que os órgãos públicos planejassem esta inauguração, como era costume.

De que outro modo a Banda dos Homens de Cor abrilhantaria esta festa? Caberia à esposa de um militante morto em conflito com a polícia a honra de inaugurar um espaço público? Seriam essas escolhas as responsáveis pela não revelação das fotografias oficiais deste evento ou seria a ausência do Prefeito que se licenciaria do cargo em maio deste mesmo ano para concorrer nas próximas eleições ao cargo de deputado federal, ou ainda um secretário recém empossado que não teria interesse nestes registros?

As novas funcionárias e suas famílias compareceram e orgulhosas recebiam os convidados. Ainda não haviam crianças matriculadas na creche, isso aconteceria na semana seguinte.

⁹ Reportagem Diária do Povo 19/03/1981.

Para que a creche estivesse à altura de tão grande evento, as funcionárias e a orientadora pedagógica enfeitaram todos os seus corredores com motivos infantis.

Esta experiência com papéis, tesoura, desenhos ampliados, tintas, era nova para a maioria das mulheres e por isso muito especial. Mulheres que viveram uma infância humilde e começaram a trabalhar muito cedo, tiveram oportunidade de reencontrar-se com os brinquedos e brincadeiras infantis durante o “treinamento” que receberam. Uma semana antes de iniciarem o trabalho com as crianças no Centro Infantil, aproveitaram os minutos de folga para balançarem e desfrutarem do parquinho, como relata uma das entrevistadas.

Essas mulheres tinham pouca intimidade com as brincadeiras em parquinhos e brinquedos industrializados, pois em suas infâncias improvisavam e criavam seus próprios brinquedos. Menos autodisciplinas, aproveitaram para experimentar esses espaços e se permitiram brincar antes de realizarem outra tarefa: limpar o Centro Infantil para a festa de inauguração.

Foi com orgulho que todas se organizaram para encerar, enfeitar e estarem preparadas para receberem as autoridades e demais convidados para a inauguração. Para deixar o piso de lajotas, que revestia os espaços internos e externos da creche brilhando, não pouparam esforços, passando óleo queimado e depois cera em pasta pelas salas, refeitórios e por todos os corredores. E como eram longos estes corredores...

2.2 A Comunidade se Estabelece

O Jardim Santa Eudóxia é um bairro antigo da cidade de Campinas, localizado na região sul e que foi loteado na década de cinquenta.

Nesta época não havia infra-estrutura neste bairro, como rede de esgoto, água, linha de ônibus, posto de saúde, escola de ensino fundamental, telefones públicos, igreja e seus moradores foram criando laços de amizade e solidariedade para sobreviverem.

Como exemplo, cito que por não haver serviço médico na região, uma moradora, a senhora Jacyntha Westin foi se tornando conhecida, pois sabia aplicar injeções e atendia em sua casa a população que precisava deste serviço; a senhora Zilda Rosa da Silva que era conhecida como parteira e era “o anjo” de muitas mulheres deste novo bairro, prestava seu serviço à comunidade, orientando as mulheres grávidas sobre a necessidade de fazer o exame pré-natal e auxiliando na hora do parto.

Eram muitas as necessidades estruturais, e os moradores, todos proprietários de seus lotes, começaram a se reunir de maneira informal, procurando buscar essas melhorias. Era na casa dos srs. Victor e Jacyntha Westin que as reuniões aconteciam, com a participação dos moradores do bairro.

No início da década de 1970, é inaugurado nas proximidades deste bairro, pela Companhia de Habitação – COHAB - um núcleo habitacional: a Vila Orosimbo Maia e com ela surge um novo movimento na região, pois muitos trabalhadores contratados para construí-la eram migrantes do Paraná e resolveram trazer suas famílias para Campinas à procura de uma vida melhor, fixando residência em uma área pública próxima ao córrego São Fernando, onde já havia alguns outros ocupantes residindo.

Com o aumento da população, os problemas estruturais cresceram e precisavam de solução, e foi com a ajuda dos moradores mais antigos que este movimento teve início, agregando os novos proprietários da vila recém inaugurada e os moradores da Ocupação.

É através da liderança da senhora Maria Leonor Damaceno, que os moradores da Ocupação se unem para reivindicar melhorias como água tratada, energia elétrica, posse da terra e a participação no programa “Vale Leite” que distribuía leite pasteurizado para moradores menos favorecidos. Foi em procura de apoio para suas

reivindicações que estas pessoas uniram-se aos moradores do jardim Santa Eudóxia e da vila Orozimbo Maia.

Era na casa do Srs. Vitor e Jacyntha Westin que os moradores se reuniam de maneira informal para elaborarem as estratégias que permitissem requerer junto ao poder público as melhorias que o bairro necessitava. As primeiras reivindicações dos moradores do jardim Santa Eudóxia foram uma igreja católica e um posto de saúde que vieram a beneficiar também os moradores da vila recém inaugurada e os da Ocupação.

A igreja de São Lucas e o Posto de saúde são inaugurados em mil novecentos e setenta e quatro, numa sede provisória, um barracão onde antes funcionava o alojamento e escritório da Companhia de Habitação, que durante a semana funcionava como posto de saúde e nos finais de semana era usado pela comunidade para a evangelização e missas.

Algumas pessoas que participaram do movimento para a obtenção do posto de saúde e tinham algum conhecimento de enfermagem foram contratadas para nele trabalhar. Dentre elas estavam a Jacyntha Westin e a Zilda Rosa da Silva Reis.

Com o sucesso destas reivindicações e com o espaço da casa da Jacyntha ficando pequeno para receber os moradores, que traziam outros conhecidos para participarem das reuniões, os líderes do movimento de bairro conseguiram emprestado um imóvel nas imediações e formalizam a criação da “Associação de Bairro dos Amigos do Jardim Santa Eudóxia”.

Esse movimento de caráter popular não se dá de modo isolado no jardim Santa Eudóxia, ele ocorre na década de setenta, período de grandes transformações sócio-políticas em nosso país, marcado pela transição da ordem autoritária para um regime democrático. Tal processo é marcado por múltiplas transformações, na sociedade civil brasileira, como o surgimento dos movimentos sindicais, remodelação de objetivos nas associações de bairros, que deixam de se preocupar com o lazer e se engajam nas lutas reivindicatórias, surgimento das organizações não governamentais e da reorganização partidária que ocorrerá no final desta década fazendo aparecer novos partidos políticos.

...Os movimentos sociais populares urbanos emergiram concomitantemente a um conjunto de fatos novos na conjuntura nacional destacando-se a rearticulação da vida partidária; o aparecimento de um novo sindicalismo, combativo e em oposição às estruturas burocratizadas; o surgimento de lutas contra o status quo autoritário vigente, tais como a luta pela anistia; lutas contra a política econômica desenvolvidas pelos sindicatos e por outros setores da sociedade civil, a exemplo da luta contra a carestia; a rearticulação das estratégias políticas dos grupos

É neste contexto que o movimento de moradores do jardim Santa Eudóxia se formaliza como entidade civil, com registro publicado no Diário Oficial do Município em 23 de abril de 1978¹¹. Foi o primeiro presidente desta associação o Sr. José Noel Terra tendo como vice o Sr. Alduíno Cristovam da Silva e como membro da diretoria o sr. Victor Westin.

A valorização social do bairro que se seguiu à implantação do posto de saúde e da igreja, fez com que os moradores iniciassem novas campanhas agora para a construção de uma escola de ensino fundamental, melhorias na linha de ônibus, curso de ensino supletivo na sede da associação de moradores, já que muitos associados não haviam concluído o ensino fundamental, e a doação de um terreno pelo poder público para instalação da sede definitiva desta entidade.

2.3 Chegam novos personagens

Colaboraram com a organização dos moradores algumas alas do clero católico, inspirados nas orientações contidas no Concílio Vaticano II e na Conferência Episcopal Latino-Americana realizada em Medellín em 1968, conhecidas na América Latina como Teoria da Libertação. Estes grupos católicos estavam sintonizados com o Concílio Vaticano II, que afirmava o

“direito de todos à civilização humana, à dignidade da pessoa, sem discriminação de sexo, nação, religião ou condição social, o mérito particular de Medellín foi ter voltado sua atenção para as situações desumanas que ocorriam no continente e de lhe ter dado o acolhimento oficial da Igreja, tornando as paróquias instrumentos aptos a responder a realidade acolhendo as pessoas e tendo como eixo da ação pastoral “Comunhão e Participação”.¹²

A Igreja nesta conferência escolheu oficialmente as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) como projeto prioritário de sua Ação Pastoral, considerando-as “*célula inicial*

¹⁰ Gohn, Mari da Gloria Marcondes. A Força da Periferia p. 172

¹¹ anexo cópia da publicação no Diário Oficial

¹² CNBB. 7ª reunião Ordinária do Conselho Permanente. Brasília, 23 à 26/11/1983.

de estruturação eclesial, foco de evangelização e fato primordial de promoção humana de desenvolvimento” iniciando um intenso trabalho de organização e conscientização popular que levou a várias mobilizações e lutas contra injustiças e pelos direitos humanos.

O bairro acolheu nessa época, alguns irmãos missionários pertencentes à Congregação da Santa Cruz. Essa congregação é responsável pelo Colégio Notre Dame e consegue permissão junto a Arquidiocese de Campinas, para enviar três irmãos para trabalharem na Vila Orosimbo Maia. Era política da arquidiocese a aquisição de um imóvel em cada vila popular implantada na cidade para desenvolver o trabalho de evangelização, este movimento ficou conhecido como Pastoral das Vilas Planejadas.¹³

Logo após, a comunidade do bairro recebe o padre Guedes e o recém ordenado padre Benedetti, (1974), este último assumindo o trabalho de evangelização na Comunidade São Lucas. Os irmãos missionários iniciam um trabalho de aproximação com a associação do bairro Santa Eudóxia, e com os Moradores da Ocupação. Essa aproximação com a ala progressista da Igreja Católica, na pessoa do padre Benedetti e dos Irmãos da Santa Cruz vem fortalecer o grupo da Ocupação e da própria Associação de Bairro.

Sem duvida nenhuma a Igreja Católica constituiu-se no Brasil, na década de 70, num grande espaço político de organização e participação das classes populares. Ela constituiu-se num espaço de discussão, de gestão e desenvolvimento de práticas democráticas.¹⁴

Com os homens à frente da associação de bairro, as mulheres continuaram a se reunir aos sábados à tarde na casa da Jacyntha Westim para “falarem da vida”, trocar receitas e amostras de trabalhos manuais. A essas reuniões dão o nome de Clube de Mães.

A convite do padre Benedetti, algumas mulheres começam a freqüentar reuniões no Centro Kennedy¹⁵, onde eram realizadas palestras sobre saúde e educação e cursos de artesanato, e as reuniões das Comunidades Eclesiais de Base, na Catedral Metropolitana de Campinas onde passaram a conhecer outras pessoas que trabalhavam em

¹³ Esta foi a única vila a receber esta congregação, nas demais vilas foram delegadas as congregações femininas este serviço. A organização desta pastoral estava desvinculada do clero secular e das igrejas já existentes na região. Entrevista com o sr. Terencio Wils, um dos missionários.

¹⁴ Gohn, Mari da Gloria Marcondes. A Força da Periferia p. 37

¹⁵ Escola de formação profissional criada pelo padre jesuíta Aroldo Hans.

associações e encontraram espaço para discutirem problemas comuns presentes em suas comunidades.

O grupo missionário passa a freqüentar as reuniões das mulheres onde dão palestras sobre religião, lêem e comentam notícias dos jornais locais sobre política, saúde, direito sociais das crianças e das mulheres.

Os direitos das mulheres era assunto muito discutido e encontrado com freqüência nos jornais, já que no ano de 1975 seria comemorado o “Ano Internacional das Mulheres”. Outros assuntos freqüentes na imprensa eram: carestia, anistia política, desemprego, surgimento de novos sindicatos e movimentos sociais.

Junto com os integrantes da Associação do Bairro e dos moradores da Ocupação, as mulheres do Clube de Mães participavam da “Assembléia do Povo”, movimento surgido em 1979, que tinha por objetivo articular as mobilizações populares por transporte, saúde, habitação etc. Agrupava diferentes segmentos de moradores, vindos de diversos locais periféricos da cidade e passaram a se reunir para discutir assuntos de interesse dos bairros em geral e propor ações sociais, cobrando as promessas eleitorais do então prefeito Francisco Amaral que fez sua campanha política baseada nos bairros periféricos.

A Assembléia do Povo tem origem na proposta da Pastoral das Vilas Planejadas que articula junto às Comunidades Eclesiais de Bases uma organização que permitisse levar reivindicações por melhorias nas condições de vida diretamente ao prefeito, reunindo-se no Paço Municipal. Desses encontros públicos surge o nome do movimento. Essas reuniões posteriormente seriam realizadas Colégio Pio XII¹⁶.

Também as mulheres conhecem um Clube de Mães na cidade de Valinhos, com o qual vão trocando experiências e aprimorando técnicas de trabalhos manuais.

Numa palestra no Centro Kennedy estas mulheres conhecem a deputada estadual Irma Passoni¹⁷, que fazia parte do movimento Pró Creche na cidade de São Paulo e a convidam para fazer uma palestra na sociedade de bairro do Jardim Santa Eudóxia. A deputada aceita o convite e a partir de então, toda vez que vem à Campinas mantém contato

¹⁶Espaço cedido pela arquidiocese de Campinas para ceder a articulação entre os moradores de diversas regiões da cidade e todos os grupos envolvidos em apoio aos movimentos sociais de então. p. 13 Lopes, Doraci Alves. Marginais da história? O movimento dos favelados da assembléia do povo. 1997.

¹⁷ Primeira secretária do Partido dos Trabalhadores e articuladora das comissões provisórias que se estabeleceram antes da legalização do partido em todo o Brasil. [www. Ptgte.org.br](http://www.Ptgte.org.br)

com as líderes desta entidade e traz pessoas envolvidas nos Movimentos Populares de São Paulo para troca de experiência.

2.4 A reivindicação de uma creche pública

Numa tarde, entre as mulheres presentes na reunião na casa da Jacyntha, surge como assunto, a necessidade que muitas delas tinham de prover ou completar a renda familiar trabalhando fora, a dificuldade que tinham para conseguir alguém capaz de cuidar e guardar seus filhos, tarefa historicamente conferida às mulheres, e a angústia e culpa gerada por deixá-los sozinhos enquanto trabalhavam.

A situação econômica das famílias trabalhadoras, o desemprego, a migração, a procura de melhores condições de vida, a baixa escolarização destas famílias, colaboraram para que as mulheres procurassem o mercado de trabalho, e que tivessem até vantagens sobre os homens, pois encontravam empregos mais facilmente como domésticas e faxineiras.

Nasce então a idéia de reivindicar uma creche como forma de atender estas crianças e suas mães que procuravam os meios para sobreviver dignamente. Esta reivindicação não agradou os diretores da associação de bairro, formada em sua maioria por homens, que preferiam a construção de uma praça de esportes na área pública onde as mulheres vislumbravam a possibilidade de construção da creche. Outra alegação da diretoria da associação contra a instalação da creche era que não havia demanda e que eles já estavam envolvidos na construção da sede própria da associação.

Assim, a creche passa a ser uma luta das mulheres, surgida nos porões da casa da Jacyntha. Mulheres que despertadas pelas discussões sobre "coisas da vida" como carestia, religião, política, direito das mulheres e das crianças, saúde, educação, justiça social, colocam-se em movimento por uma creche pública.

Combinou-se que as mulheres saíam pelo bairro fazendo o levantamento de famílias que tinham interesse em colocarem seus filhos na creche, a quantidade aproximada de crianças e as suas idades. O número de mulheres trabalhadoras e a projeção de outras que desejavam trabalhar e não podiam, por não terem quem cuidasse de seus filhos.

Com este levantamento em mãos, inicia-se o processo reivindicatório e mais pessoas, moradoras do bairro, tomam conhecimento dos encontros de mulheres e passam a participar. O espaço da casa da Jacyntha fica pequeno e as reuniões das mulheres passam a ser realizada na sede da sociedade de bairro. A partir deste momento o grupo de mulheres se constitui como um Clube de Mães, termo já difundido para designar a organização de mulheres na década de setenta, surgido dentro da Igreja Católica. A frequência média nestas reuniões era de quarenta mulheres.

As atividades do grupo continuam. São as mesmas conversas sobre coisas da vida: religião, política, direitos civis, direitos das mulheres, das crianças, saúde, trabalhos manuais e a construção da creche. Evitando envolver a sociedade de bairro no processo de reivindicação da creche, as mulheres se organizam em comissão e requerem na prefeitura uma audiência com o então prefeito Francisco Amaral, eleito em 1977 em eleição direta, e que via com simpatia a organização de moradores como forma de reivindicação e que tem como filosofia de governo, **“Maximo Benefício Social”**.

Nesta reunião, o Prefeito autoriza a obra e a partir de então as mulheres acompanharam a construção da creche desde a escolha do local, o andamento da obra, reivindicando junto ao prefeito os materiais de construção necessários para a obra não parar, sempre que havia ameaça de sua continuidade. Para evitar atraso na obra elas faziam uma escala para que todos os dias um grupo de “mães” passasse pela obra e verificasse o seu andamento.

Foram muitas as idas à prefeitura. Estas mulheres eram sempre recebidas pelo próprio prefeito, Francisco Amaral ou seu vice, Magalhães Teixeira, em seu gabinete. Em algumas ocasiões elas “acampavam na ante-sala do prefeito” até serem recebidas. Algumas mulheres do Clube de Mães por estarem desempregadas não tinham dinheiro para irem de ônibus até a prefeitura, muitas vezes iam a pé, outras, as companheiras se cotizavam para garantir a passagem de quem não tinha com que pagar. Quando suas solicitações eram atendidas as mulheres comemoravam reunindo-se algumas vezes no “Bar do Voga” para tomar um chope e brindar.

Elas promoviam chás beneficentes como forma de divulgar a construção da creche e de expor para venda os trabalhos manuais que eram realizados nas reuniões do Clube de Mães. Os lucros obtidos com a renda destes chás eram revertidos em materiais para o artesanato, fotocópias de textos e outros gastos do próprio Clube de Mães.

A amizade e união entre elas é um fato narrado pelas entrevistadas e hoje, mesmo morando no mesmo bairro, a convivência é outra e elas dizem sentir falta deste contato. Esta amizade e união das quais as entrevistadas sentem falta podem ser entendidas dentro deste movimento de participação no Clube de Mães, na formação de um grupo que tem *“uma finalidade comum, tarefas concretas comuns, um sistema de participação, um sistema de direção”*,¹⁸ onde todos sentem-se representados e comprometidos .

A distribuição de tarefas, as escolhas de responsáveis para assumir algumas funções como fiscalizar o andamento da obra, fazer levantamento de interessados em vagas para seus filhos, participar das reuniões das Comunidades Eclesiais de Bases e da Assembléia do Povo vai conferindo um novo sentido e a valorização da vida dessas mulheres.

Outras mulheres que não participavam do clube de mães se interessaram em participar do movimento na esperança de conseguir vaga para seus filhos ou emprego para si.

Este fato deve-se a contratação de moradores do bairro, ocorrida anteriormente, no centro de saúde, que também foi construído e inaugurado em 1974, graças à reivindicação dos moradores. Dentre os contratados para trabalharem no posto de saúde estavam a Sra. Jacyntha Westin, que já era conhecida no bairro por aplicar injeções e a sra. Zilda Rosa da Silva Reis conhecida parteira. Estas duas senhoras, como já vimos, eram as líderes do Clube de Mães.

Algumas mulheres recebiam “puxões de orelha” e foram lembradas que o objetivo principal do movimento era a construção da creche para as crianças e que não havia garantia de emprego para todas. A partir desta observação muitas pessoas se afastaram, ficando as que realmente entendiam a dimensão da proposta. Outras, muito atuantes, ficaram surpresas com a indicação do Clube de Mães para participarem do processo seletivo para a contratação de funcionários. Este foi o caso da Maria Leonor Damasceno, líder do Movimento da Ocupação que não esperava sua indicação.

2.5 Do clube de mães à função pública

¹⁸ Lapassade, Georges. Grupos, Organizações e Instituições. p. 65

Foi sugestão do próprio prefeito Francisco Amaral que estas mulheres fossem contratadas para trabalharem na creche, pois o prefeito reconhecia a importância do “Clube de Mães” neste processo e sua identificação com a população do bairro.

Neste primeiro momento seriam contratadas vinte e cinco funcionárias, dentre as quarenta, e duas mulheres que freqüentavam o Clube de Mães. Somente uma das funcionárias contratadas não era freqüentadora do Clube de Mães, porém era moradora do bairro que foi indicada por uma das mulheres que desistiu da contratação durante o processo de recrutamento.

A seleção das candidatas ao emprego dava-se em dois momentos: indicação da comunidade e avaliação das assistentes sociais.

Representavam a comunidade, as líderes do Clube de Mães, que faziam uma pré-seleção das candidatas, segundo critérios levantados junto ao movimento, que eram: ser moradora do bairro, pertencer ao Clube de Mães, ter acompanhado a obra, ter participado da reivindicação junto à prefeitura e gostar de crianças. Foi elaborada então, uma lista com os nomes das candidatas e enviada à Secretaria de Promoção Social e ao Departamento de Recursos Humanos que através de carta, convocava as candidatas para os exames admissional.

O processo final de seleção e contratação dos funcionários ficou a cargo da Secretaria de Promoção Social, órgão ao qual estavam vinculadas todas as creches municipais. Segundo a secretária da promoção social do governo Francisco Amaral, Maria Helena Bonavita Manbrini em entrevista ao Jornal Correio Popular¹⁹:

“Nos casos de creche exigimos qualidades especiais dado à natureza do serviço e, então, as candidatas são entrevistadas pela equipe técnica, quando é feito esclarecimento quanto ao trabalho, finalidade de um centro infantil, horário, tarefas, direitos, deveres e aptidões necessárias. Se a candidata se interessar é encaminhada ao grupo de Desenvolvimento de Recursos Humanos, onde se realiza um teste. Preenchidos os requisitos mínimos exigidos pela equipe técnica a candidata é admitida, passando por exame médico e recebendo um treinamento, na Secretária de Promoção Social para desempenho de suas funções, antes de iniciar suas atividades dentro do Centro Infantil.”

¹⁹ Reportagem de 4/6/78

Frequentadoras do clube de Mães

Em destaque as contratadas como funcionárias da creche

1. Ana Chacom	22. Lourdes Bocalon
2. Anézia de Freitas Aguiar	23. Julita S. Bernardino
3. Aparecida Marinho	24. Luzia Z. Delgado
4. Aparecida Santos Ferreira	25. Maria Lucia da Silva
5. Aparecida Rosa Gonçalves	26. Maria Ramos Campos
6. Rita de Cássia Marçal	27. Maria Jacyntha Resende Westin
7. Maria Celina Cardoso Oliveira	28. Marinalva Pereira Ferreira
8. Divina Davence	29. Marli Helena Purchartti
9. Doraci Souza Lima	30. Marlene Rodrigues de Castro
10. Dorvalina F. Ferreira	31. Penha Alves Lourenço
11. Edna Massoli	32. Maria Neuza Cachefo
12. Maria de Fátima Ramos	33. Rosa Maria de Souza
13. Francisca Massoli	34. Rosangela Scardelato
14. Geni Costa Baptista	35. Sueli Aparecida Pinheiro Sampaio
15. Gerceyr Ap. Villas Boas	36. Teresa do Carmo Santos
16. Helena Cachefo	37. Tereza Francisco Graciano
17. Hilda Helena Cachefo	38. Vita Barbosa
18. Irene Cintra dos Santos	39. Zafra Noppi Oliveira
19. Isabel Delgado	40. Zilda Besouro
20. Izaura Dias	41. Zilda Rosa da Silva
21. Jandira Alves Pedroso	42. Maria Leonor S. Damaceno

A divergência de critérios, para a contratação das funcionárias: para a comunidade, o pertencimento ao movimento de reivindicação da creche, ser moradora do bairro, frequência nas reuniões do clube de mães, e para a secretaria da promoção social: aptidão para o trabalho feito através de um teste padrão, comunicação e desempenho nos testes psicológicos, escolaridade, gerou alguns conflitos entre a comunidade e o modo de seleção adotado pelo setor de Desenvolvimento de Recursos Humanos, pois, algumas mulheres atuantes no movimento reivindicatório foram reprovadas neste processo seletivo.

Há depoimentos de algumas mulheres do Movimento que atribuem à aparência física, ao analfabetismo e às vestimentas de algumas colegas o motivo de sua reprova no processo de seleção. Uma nova etapa de mobilização se iniciou para mostrar ao prefeito municipal o valor destas mulheres preteridas na seleção feita pela Secretaria e a sua identificação com a comunidade, conseguindo-se assim que todas fossem contratadas.

Encontramos, ainda hoje, algumas destas mulheres trabalhando no Centro Infantil: Marli H. Purchatti, Luzia Z. Delgado Dorvalina F. Ferreira e a Ivone Ap. P. do Carmo, Maria Leonor Damaceno, , Rosa Maria de Souza. Outras, já se aposentaram: Aparecida Rosa Gonçalves Maria , Aparecida S. Ferreira, Julita S. Bernardino, Jandira A. Pedroso, outras prestam serviços em outras repartições municipais: Teresa do Carmo santos, Marinalva P. Ferreira, Maria Celina Cardoso Oliveira, Maria de Fátima Ramos, Isaura, Gerceyr Ap. Villas Boas e Zaíra N. Oliveira que ocupava o cargo de auxiliar de enfermagem, que deixou de existir na creche desde 1991.

Algumas mulheres do Clube de Mães não concorreram às vagas para o emprego, por interferência dos maridos que não desejavam ver suas mulheres “trabalhando fora”, ou por já estarem trabalhando no posto de saúde, em outro lugar, ou ainda por serem de idade avançada para a função, ou não se interessarem pelo cargo.

2.6 Dividindo tarefas nos primeiros tempos

Todo o atendimento das creches municipais se apoiava num esquema padrão, compreendido por duas instâncias: a equipe multi-profissional formada pelo serviço social, psicólogos, economista doméstica, nutricionistas, pedagogos, médicos e dentistas - que atendiam a várias unidades sócio-educacionais, visitando as creches de forma constante, porém não diária e outra equipe local, as funcionárias que trabalhavam diariamente nos

centros infantis - administradora, auxiliar de enfermagem, professores, cozinheiras, lavadeiras, pajens, faxineiras e guardas.

Na composição da equipe multi-profissional nota-se a exigência de títulos universitários em atendimento à política que norteia a educação nesta época. Observa-se a dissociação entre o pensar e o fazer, entre a teoria e a prática. São os técnicos os encarregados de gerenciar e treinar os funcionários que atuavam efetivamente com as crianças. O acompanhamento do trabalho das funcionárias pela equipe técnica dava-se na própria creche, com supervisão diária e reuniões mensais de avaliação e planejamento na prefeitura para as administradoras e professoras.

Nas creches, para a contratação de professores, era exigido o curso de magistério e para os demais cargos, chamados operacionais, a exigência era o ensino fundamental incompleto, sendo as trabalhadoras registradas como funcionárias públicas, o que permitia a mobilidade destas funcionárias por diferentes funções no dia a dia da creche. Para o cargo de administradora e auxiliar de enfermagem, era exigido o antigo curso primário e, treinamento no trabalho, para a auxiliar de enfermagem.²⁰

Através de uma escala mensal as funcionárias eram submetidas a um rodízio em que ora trabalhavam com as crianças, ora assumiam a faxina ou a lavanderia. As cozinheiras eram escolhidas dentre as funcionárias contratadas, sem a existência de pré-requisitos. Cabia às assistentes sociais e psicólogas a formação e sensibilização do grupo de mulheres para o trabalho, a organização burocrática do Centro Infantil, a vistoria nos serviços de limpeza e alimentação, orientação ao trabalho da administradora, a compra de materiais pedagógicos. Já, a organização das reuniões com os pais, era de responsabilidade somente das assistentes sociais.

A falta de um profissional com formação adequada para o trabalho com crianças pequenas já era observado pela Secretária de Promoção Social.

"A falta de pessoal especializado é talvez o maior entrave para a concretização e êxito de muito planejamento, programa e projeto. No caso do pessoal de nossos centros infantis, o esquema montado de treinamento e supervisão tem permitido o êxito, o que é resultado do treinamento das pajens por psicólogas, da assistência pedagógica aos professores, da administração de cursos de recreação".

²⁰ Manual de Rotina dos Centros Infantis/Secretária de Promoção Social. in Ramos, Anna Angélica .Um Breve Histórico das Escolas Municipais de Educação Infantil TCC 1996

Psicólogas e pedagogas eram responsáveis pelas reuniões onde eram preparadas as pajens procurando capacitá-las para o trabalho. Eram ensinadas brincadeiras, atividades recreativas, cuidados com a segurança das crianças, noções de higiene, cantigas, atividades de artes plásticas, jogos, confecção de murais para decorar os espaços.

Com os professores que trabalhavam nas turmas das crianças de 4 a 6 anos eram realizadas reuniões de planejamento, que já vinham estruturadas pela equipe de pedagogos tendo como proposta os “ *centros de interesse voltados a assuntos mais próximos das crianças: família, meios de transportes, saúde, higiene, plantas, animais e comemorações de datas de cunho cívicos, religiosos e morais*”²¹, exercícios psicomotores e atividades que visavam alcançar o desenvolvimento sócio-emocional. A grade de atividades que deveria ser executada diariamente era apresentada pela professora e avaliada. As professoras que trabalhavam nos Centros Infantis pertenciam ao quadro de funcionários da Secretaria Municipal de Educação.

A cargo da economista doméstica e da nutricionista ficavam a alimentação, que era elaborada segundo um cardápio balanceado, correspondendo às necessidades protéico-calóricas das crianças respeitando as diferentes faixas etárias existentes no centro infantil.

A preocupação com a saúde, a higiene e a prevenção da mortalidade infantil, que se faz presente na concepção de creches no Brasil desde o início do século XX como nos mostra Moysés Kuhlmann²², está presente também na concepção das creches municipais de Campinas ainda no final da década de setenta. As creches recebiam semanalmente a visita de dois médicos, funcionários do posto de saúde do bairro, responsáveis por acompanhar o desenvolvimento de cada criança, e do tratamento das que apresentassem desnutrição ou algum problema de saúde.

Eram responsáveis também pelo exame médico ao qual a criança era submetida quando conseguia a vaga na creche e por deixarem instruções para a auxiliar de enfermagem sobre medicação e vitaminas, como o complexo de ferro que era ministrado a todos os bebês, e outros que deveriam ser ministrados às crianças em tratamento, durante a semana. A atendente de enfermagem era a responsável por:

²¹ Correio Popular em 4/06/78

²² Moysés Kuhlmann, Instituições Pré-escolares assistencialistas no Brasil (1899-1922), .

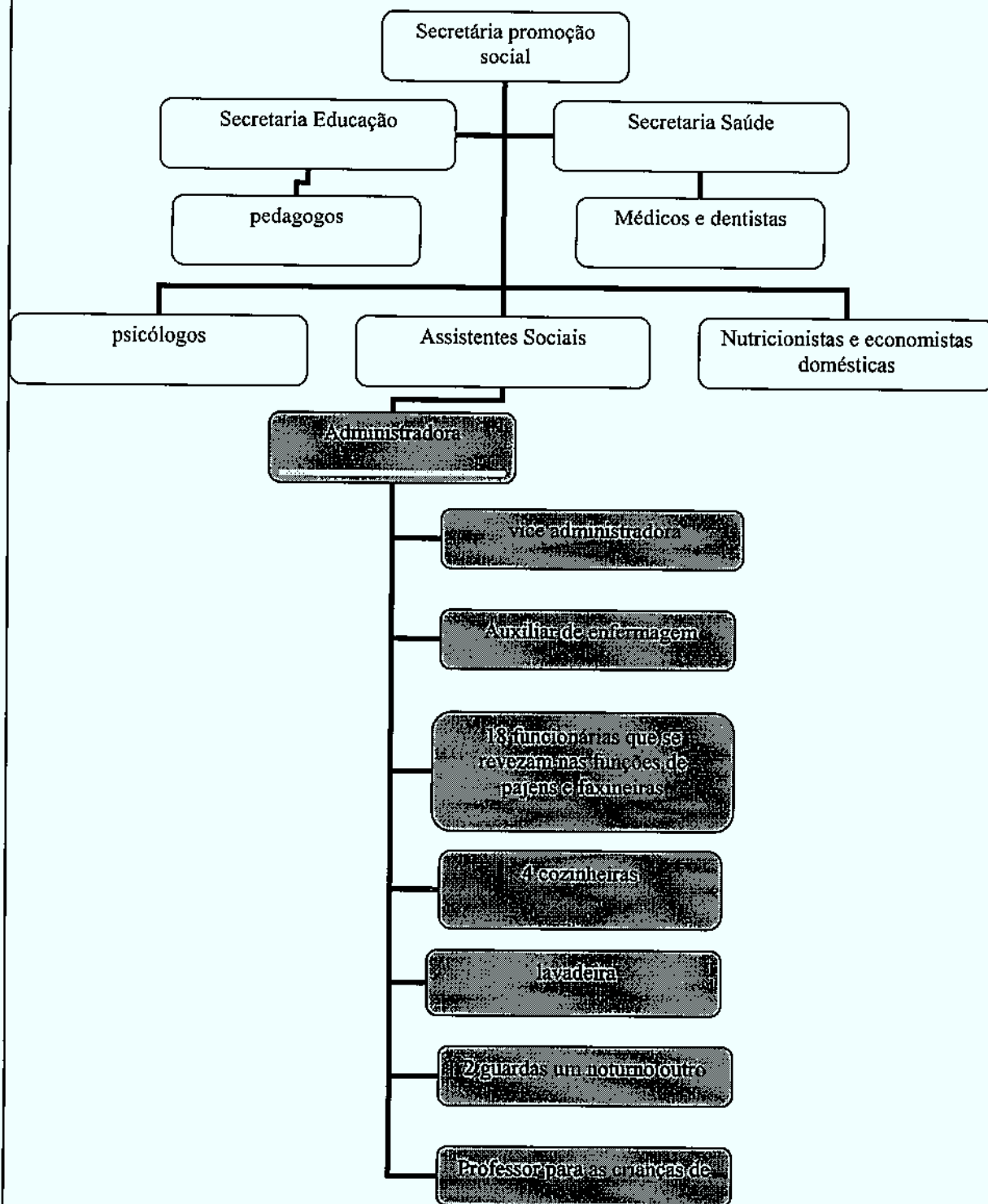
zelar pela saúde da criança que permanecia no centro infantil; supervisionar a passagem do pente fino para a verificação de parasitas na cabeça; ministrar a medicação de acordo com a prescrição médica; pela pesagem e mensuração das crianças; experimentar os alimentos antes de cada refeição, observando o cumprimento do cardápio e do horário das refeições; acompanhar o bochecho do flúor e a escovação dos dentes das crianças; avisar a administradora quando ocorresse alguma irregularidade, comunicar às mães qualquer ocorrência de saúde da criança e fazer a devida anotação no livro de ocorrências.²³

A Administradora era a responsável direta pela administração do centro infantil, tendo como função o trabalho burocrático, o atendimento ao público, as compras e recebimento de alimentos, a matrícula das crianças, a distribuição das atividades entre as funcionárias, elaboração da escala de horários e de serviços, definindo quem trabalharia com as crianças ou na limpeza naquele mês.

²³ II treinamento de Atendente de Enfermagem, 1986 promovido pela Secretária da Promoção Social.

Organograma dos Funcionários do Centro Infantil 1981.

Em destaque os que trabalhavam diretamente na Creche



2.7 Funcionárias Uniformizadas

Após a contratação para trabalharem na creche, as mulheres do Clube de Mães reivindicaram junto ao prefeito Francisco Amaral que a administradora fosse uma dentre elas, no que foram atendidas. Este não era um procedimento usual na administração Municipal, como nos relata a sr^a Zilda Rosa da Silva, uma vez que a escolha da administradora era responsabilidade do Serviço Social que indicava, dentre todas as funcionárias, aquela que mais se destacava nas reuniões de treinamento.

A escolha da administradora deste Centro Infantil foi realizada com a participação das mulheres do Clube de Mães e dos membros da diretoria da Sociedade Amigos do Bairro do “Jardim Santa Eudóxia”, considerando-se as mulheres anteriormente contratadas.

Era entendimento na comunidade a necessidade de estudo para desempenhar com sucesso esta função, já que não havendo diretor na creche a administradora seria responsável pelo trabalho burocrático, pela distribuição de tarefas, matrículas das crianças, atendimento à população, elo de comunicação com a administração pública e pela organização da creche. A escolhida foi a sr^a Maria Celina Cardoso Oliveira, por ser comunicativa e ter concluído o ensino fundamental.

A escolha da vice-administradora e das funções que cada mulher exerceria ocorreu em assembléia das funcionárias, dias antes de iniciarem as atividades do Centro Infantil. Estas escolhas foram feitas com seriedade pelas mulheres, trazendo ainda hoje boas recordações para as entrevistadas, porém, contrariando mais uma vez o procedimento padrão pelo qual as assistentes sociais indicavam a função que cada funcionário deveria ocupar.

Em assembléia foram eleitas: Sra. Isaura Dias vice administradora; Hilda Cachefo, auxiliar de enfermagem, que tinha conhecimentos nesta área. Para a equipe de cozinha foram escolhidas Aparecida Rosa Gonçalves, Aparecida s. Ferreira, Teresa do C. Santos e a Zaíra n. Oliveira. Para o serviço de lavanderia a indicada foi a Jandira A. Pedroso. As demais mulheres se revezariam nas funções de limpeza e de pajens, seguindo uma escala de serviço conforme as normas da secretaria de promoção social.

O fato de ocuparem simultaneamente diversas atividades contribuiu para a formação de profissionais generalistas, dificultando a construção da identidade profissional dessas mulheres que ora ocupavam –se das crianças, ora se ocupavam da limpeza.

A expectativa de fazer bem o seu trabalho, a união e o compromisso de ajuda mútua para que tudo corresse de acordo com as regras estabelecidas pela Secretaria da Promoção Social, marcam o início das atividades.

A imagem que ficou registrada para uma das funcionárias, a Dorvalina F. Ferreira, logo no primeiro dia de trabalho, foi a dos corredores da creche cheia de crianças inquietas e a necessidade de “controlá-las” para que tomassem banho, atividade que fazia parte da rotina da creche para todas as crianças que freqüentavam esta instituição e o cansaço resultante de tanta atividade física que fez neste dia.

A preocupação com a limpeza dos espaços físicos e das crianças, é lembrada por algumas mulheres entrevistadas:

“Sábado era dia de faxina e todas nós ficávamos depois do expediente para lavar as paredes, os vidros, os banheiros, a cozinha e encerar as salas para que na segunda feira quando a creche reabrisse tudo estivesse em ordem para receber as crianças. Nas visitas que as assistentes sociais faziam á creche, era comum elas passarem as mãos pelos parapeitos das janelas para verem se tinha poeira.”²⁴

“Assim que a criança conseguia a vaga era encaminhada ao posto de saúde para exame médico. Sem ele não podia freqüentar a creche.”²⁵

“Segunda-feira era dia de passar pente fino, a enfermeira e um grupo de funcionárias ficavam na entrada da creche com uma fralda no colo e faziam a revista em todas as crianças. Quando caia piolho, a criança tinha que ficar em casa até limpar a cabeça.”²⁶

Na apostila do “II Treinamento de Atendentes e Administradoras” estão descritas as funções da auxiliar de enfermagem: ministrar medicação de acordo com a prescrição médica; levar ao conhecimento da administradora, casos que necessitem de suspensão por motivo de saúde; observar a higiene do ambiente do Centro Infantil”. Nela também constam procedimentos adequados em caso de acidentes e, normas de segurança como, trancar o portão com cadeado para evitar fugas de crianças.

A Luzia Z. Delgado recorda a obrigatoriedade do uso de uniforme, pelas funcionárias, calça vermelha e camisa xadrez de vermelho e branco, fornecidos pela

²⁴ Entrevista realizada com a sr^a Luzia em 20/11/04 e registrada em fita K7.

²⁵ Entrevista realizada em 10/05/05 com a líder do Clube de Mães a sr^a Jacyntha Westin.

²⁶ Entrevista realizada em 12/04/05 com a senhora Eunice, funcionária da creche desde 1982.

Secretária da Promoção Social e a dificuldade que teve para conseguir um par de congas vermelhas, exigido como parte do uniforme de trabalho, o qual não tinha condições de comprar naquele momento. A solução que encontrou foi o de pintar um par de congas da cor exigida até receber seu primeiro salário e poder comprar a conga e a satisfação que isso lhe trouxe.

Esses cuidados e vigilâncias constantes se inspiram no modelo militar que, segundo Foucault, geram uma relação de controle e disciplina.

As funcionárias e as crianças não eram estimuladas a conquistarem seu espaço, a usarem o seu tempo, mas a aceitarem uma ordem já estabelecida, o controle e a vigilância.

A falta de experiência e os imprevistos a que estamos sujeitos quando lidamos com seres humanos e com a educação, trouxeram algumas dificuldades e desentendimentos entre as funcionárias, os quais eram resolvidos “na roda” tendo como mediadora a administradora e, às vezes, as assistentes sociais.

As visitas das assistentes sociais eram vistas pelas funcionárias com reserva, pois segundo elas, era dia de muita tensão. Tudo era examinado, desde os parapeitos das janelas, os armários, os alimentos, os brinquedos, a conservação dos uniformes e aparência das funcionárias. Eram nestas visitas que os desentendimentos entre funcionários e administradora eram resolvidos, gerando apreensão e temor pelas possíveis chamadas de atenção ou advertências.

2.8 Conflitos e mudanças

As primeiras mudanças no quadro funcional do centro infantil ocorreram em 1982, devido ao aumento de vagas oferecidas para as crianças e a transferência de algumas mulheres para outros setores da administração pública. Desta vez o processo de seleção dá-se sem a interferência direta do Clube de Mães, porém todas as contratadas são moradoras do bairro, conhecidas ou parentes de alguma funcionária da creche.

Durante este processo de contratação é feita uma denúncia à Secretaria de Promoção Social, que uma das recém contratadas havia tido acesso aos procedimentos de seleção e se beneficiado destas informações. A suspeita de facilitação ao acesso a este

documento recaiu sobre a administradora da creche. Este fato leva a equipe do serviço Social a destituir a administradora do cargo e a atribuir-lhe a função de pajem.

Assume o cargo a vice-administradora que, segundo o grupo de mulheres, foi a delatora do caso. Este fato desestabilizou o grupo que não concordava com o afastamento e se solidarizaram com a antiga administradora.

Inicia-se um período de desconfiança, descontentamento e boicote à administração do Centro Infantil, gerando a presença e interferências das assistentes sociais que, procurando manter a ordem e o bom relacionamento profissional, transferem a administradora para outra unidade educacional.

Abaladas com este fato as mulheres procuram as líderes do Clube de Mães a sr^a Jacyntha Westim e a sr^a Zilda Rosa da Silva, agora presidente da sociedade de bairro, e pedem ajuda para manter a administradora no cargo. Após negociação chega-se a um acordo: a transferência é mantida, porém a escolha da vice-administradora seria feita como da primeira, vez pelas funcionárias.

Em assembléia, ou como elas dizem “na roda”, elegem outras colegas: primeiro a Gerceyr Villas Boas, que logo sai para ser recepcionista no Paço Municipal, depois a Marli H. Purchatti membro do Clube de Mães e, a Eunice Maria Sales de Souza, recém contratada como vice. Nesse processo não há preocupação com a escolaridade e nem com características de liderança das indicadas como na primeira escolha. A preocupação é manter no cargo pessoas ligadas ao Clube de Mães e ao bairro.

São muitos os problemas enfrentados por estas administradoras: a falta da experiência que o cargo exigia, as exigências e cobranças das assistentes sociais, a burocracia própria do cargo e a falta de colaboração das colegas que, por serem seus pares não aceitavam suas ordens, alegando que algumas eram tratadas com privilégios. A “falta de controle” sobre as funcionárias e as muitas intervenções do Clube de Mães, na figura de suas líderes, que cada vez mais se tornavam conhecidas na administração pública, gera o descontentamento das assistentes sociais e o atrito entre esses grupos, se intensificam.

Esta tensão coincide com o início de uma nova gestão na administração pública, quando assume a prefeitura o sr. José Nassif Mokarzel²⁷, que nomeia para a pasta da Secretaria de Promoção Social a sr^a Maria José Mangile. Esta troca administrativa permite

que as assistentes sociais articulem uma intervenção no Centro Infantil do Jardim Santa Eudóxia e na forma de escolher a equipe gestora trazendo pessoas de fora do movimento para administrar a creche.

Esse fato mobiliza as mulheres que não aceitam tal intervenção e nova negociação se inicia, agora com o apoio de toda a comunidade escolar, da Associação de Moradores do Jardim Santa Eudóxia e da Vila Orosimbo Maia, da Comunidade São Lucas e de líderes sindicais que conheciam o Clube de Mães e a luta das mulheres pela construção da creche.

Por participar dessas negociações e defender o projeto de autonomia na escolha da administradora deste Centro Infantil, em pouco tempo a Sr^a Jacyntha Westin torna-se conhecida da nova equipe da Secretaria de Promoção Social, que reconhecendo sua liderança, oferece-lhe como “ultimo cartucho”, expressão usada pela própria entrevistada, o cargo de administradora da creche. Este convite muito agradou a comunidade, as funcionárias e a Associação de Moradores, porém não à Jacyntha e sua família.

O cargo de administradora exigia uma dedicação maior em número de horas trabalhadas em relação ao cargo de enfermeira do Posto de saúde onde a jornada de trabalho não incluía o sábado, como acontecia na creche cujo expediente se estendia até as 18:00 horas. Pesava também na sua decisão, seus filhos ainda pequenos que precisavam de sua companhia, o gosto pelo ofício de auxiliar de enfermagem, o menor tempo para o convívio familiar e para se dedicar ao Clube de Mães e à Associação de Moradores.

Porém, se nos tornamos responsáveis por aquilo que construímos, a difícil decisão foi tomada e em 1983 com muita festa e alegria de toda a comunidade, com o apoio das funcionárias e do serviço social, ela assume a direção do Centro Infantil, cargo que ocupou até aposentar-se em 1999.

2.9 Tempos de Calmaria

Tempos de calma e realizações se seguiram à posse da Jacyntha Westin como administradora da creche, que como líder conhecia e partilhava os problemas e ideais da

²⁷ Presidente da câmara que assume a administração em maio de 1982 devido ao afastamento do prefeito Francisco Amaral e do vice Magalhães Teixeira para concorrerem a cargos na próxima eleição Francisco Amaral ao cargo de deputado federal e o vice a prefeito de Campinas.

comunidade, articulando meios de conciliar estes projetos com as metas da administração pública, mais diretamente os da Secretária de Promoção Social.

Em entrevista, relata o quanto foi difícil para ela ser aceita pelas outras administradoras de creches, que viam com reserva o modo como o Centro Infantil foi reivindicado, o acompanhamento de sua construção, a forma de escolha das funcionárias e o “poder” de articulação deste grupo, que já era conhecido na rede municipal como “fogo na roupa”, e do reconhecimento público alcançado pelo movimento de luta destas mulheres por essa creche pública.

Quando assumiu o posto de administradora em 1983, o Movimento de Mulheres por Creches era encontrado em muitas cidades do país e graças à experiência vivida no jardim Santa Eudóxia, Jacyntha Westin, recebeu convites para relatar em outras cidades e clubes de mães essa experiência.

Nas reuniões mensais realizadas pelo serviço social no Paço Municipal com as administradoras para prestação de contas, entrega de ponto dos funcionários, relatórios, balancetes e informes administrativos, ela sentia-se isolada, não sendo convidada pelas colegas a participar das conversas e das confraternizações realizadas quando saíam dessas reuniões.

A indiferença acabava quando as reuniões iniciavam e ela conseguia, com seu modo seguro e delicado, questionar, sugerir, ponderar as medidas que eram colocadas pelas assistentes sociais e demais profissionais que compunham a equipe técnica, sempre com bons argumentos e vontade de aprender, o que demonstrava sua capacidade de liderança. Uma capacidade construída na luta diária e no compartilhamento do projeto e assim, a resistência das colegas sede lugar ao companheirismo e aceitação.

As funcionárias desgastadas emocionalmente com todo o processo de escolha da administradora e confiantes com a vinda da Jacyntha Westin, apóiam as medidas administrativas por ela propostas e dedicam-se ao trabalho, procurando realizarem suas tarefas a contento. Mesmo com pouco conhecimento teórico sobre infância e educação, vão aprendendo através do treinamento em oficinas organizadas pela Secretaria de Promoção Social para as cozinheiras, enfermeiras e pajens. A alegria de trabalhar na creche nestes primeiros tempos é relatada assim pelas mulheres entrevistadas:

“Não víamos a hora de vir trabalhar, apesar do cansaço”. “Estar na creche era muito bom”. (Luzia Damiani)

“Quando faltava produtos de limpeza ou algum alimento, nós nos cotizávamos para comprá-lo e não deixar a creche parar”. (Marli H. Purchatti).

“Salamos pelo bairro em campanhas de doação de alimentos, jornais usados e prendas para nossas festas. Éramos muito unidas”. (Maria Leonor Damaceno).

A comunidade escolar apoia com respeito os encaminhamentos da administração, comparecendo às reuniões, cumprindo as normas e prestigiando as festas organizadas pela creche.

2.10 Declínio do Clube de Mães

Com o início do funcionamento da creche há um esvaziamento no número de mulheres que freqüentam as reuniões do Clube de Mães. Suas reuniões semanais aos sábados a tarde, coincidem com o horário de trabalho das funcionárias da creche, que aos sábados se encerrava às 18:00 horas. Na tentativa de manter o movimento as reuniões são transferidas para os domingos, porém a dupla jornada de trabalho faz com que essas mulheres utilizem o domingo para fazerem as tarefas mais pesadas de suas casas, como lavar roupas e fazer faxina.

O cansaço físico, a criação dos filhos e a falta de divisão das tarefas domésticas com seus maridos, também são lembradas como fatores que as impedem de comparecer às reuniões. Quando tinham um tempo livre compareciam às reuniões que passaram a serem conjuntas com a Associação de Bairro, tendo como pauta a construção de uma ponte sobre a estrada de ferro para ligar os bairros do Jardim Santa Eudóxia e Swift e a reivindicação de um núcleo de educação não formal para atender as crianças de sete a quatorze anos no período contrário ao das aulas (reivindicações que foram atendidas), e assim as conversas sobre a vida e o artesanato deixam de ter lugar.

A ida da Jacyntha Westin para a creche marca o declínio do Clube de Mães. Ela e suas colegas de luta tentam utilizar na creche suas experiências no trabalho com as mães, e elaboram um projeto de cursos de artesanato e palestras. Era entendimento das mulheres do Jardim Santa Eudóxia, que as mudanças na vida das crianças passava pela valorização social e educação de seus pais, não uma educação bancária, que nem elas mesmas possuíam, mas a que resulta da participação política, crítica, conhecedora de direitos e deveres

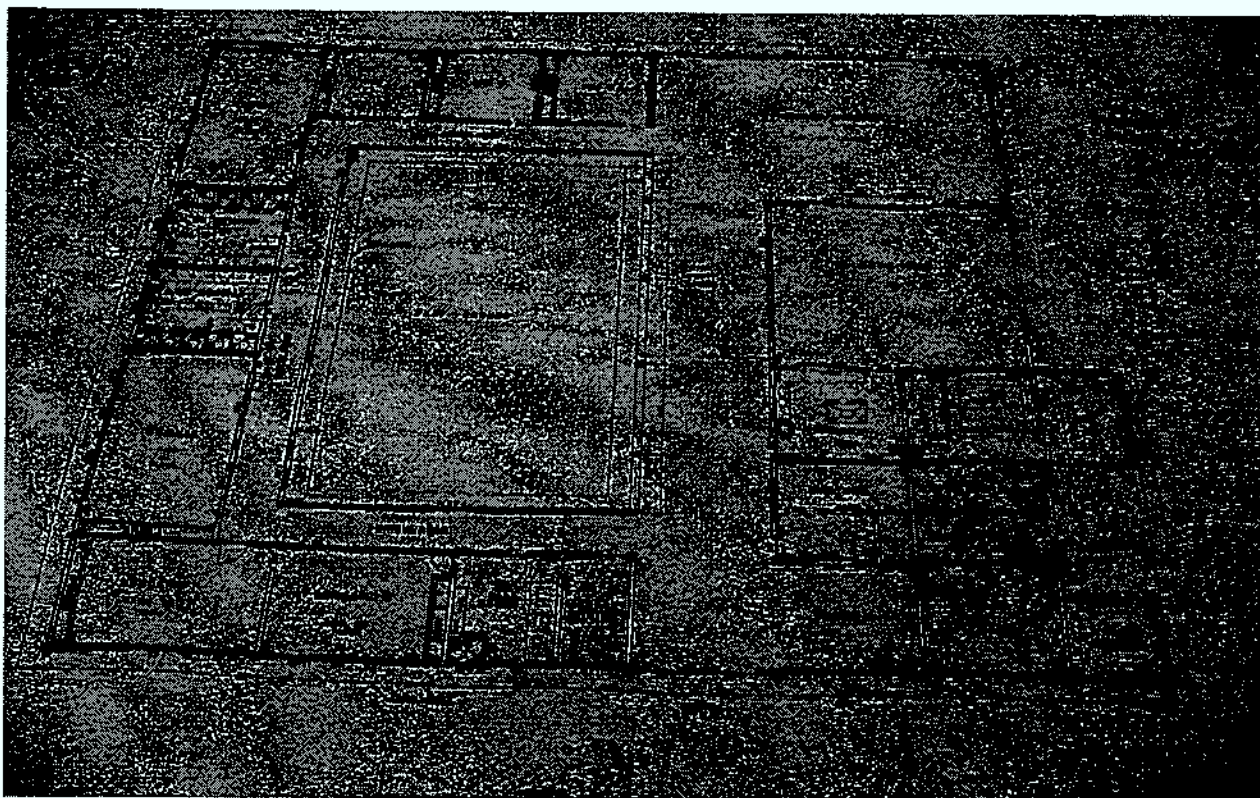
sociais. Tal iniciativa esbarrou na burocracia da Secretaria de Promoção Social, que também tinha elaborado um projeto para esse fim, porém não chegou a implantá-lo.

III Creche um Projeto Assistencial Público

3.1 O Espaço Físico

“A pedagogia faz-se no espaço e o espaço por sua vez consolida a pedagogia”.

(Faria, Ana Lucia Goulart de)²⁸



Planta da creche do jardim Santa Eudóxia

Se o grupo de mulheres, mães, militantes, novas funcionárias puderam se expressar na limpeza e decoração da creche e não modo de escolha da administradora e na divisão de suas funções para o trabalho, naturalmente não foram consultadas sobre como deveria ser o prédio onde por mais de vinte anos educariam as suas crianças. Construções escolares são objetos de domínio técnico, assunto de engenheiros, arquitetos, economistas, pedagogos, entre outros.

Ao tomar a planta da creche Santa Eudóxia, nos deparamos com a chamada planta padrão para as creches públicas de Campinas, utilizada durante a administração pública de 1977-1982.

Como revela Escolano, a arquitetura escolar trás em sua concepção um sistema de valores, de ordem, disciplina e de vigilância, o que a torna um mediador cultural *“um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem”*.²⁹

Através da entrevista com o engenheiro Pedro Penazotto, responsável pelo Departamento de Arquitetura Escolar da Prefeitura Municipal de Campinas na década de 1970 e 1980, podemos identificar alguns elementos capazes de auxiliar a análise da concepção pedagógica expressa na definição de tal espaço para a educação de crianças pequenas.

Esta é uma planta padrão para a construção de centros infantis na rede municipal na década de 70, assinada pelo engenheiro Ozair Rizzo, porém não é a única utilizada. Para as vilas planejadas construídas pela Companhia Nacional de Habitação, encontramos uma outra planta própria para esses empreendimentos.

O espaço físico e sua adequação são comentados em entrevista ao jornal Correio Popular³⁰, pela então secretária do Serviço Social, Maria Helena Bonavita Mambrin:

“O projeto de construção das creches em Campinas seguem (sic) alguns princípios básicos que vêm se aprimorando a cada nova construção... a planta foi amplamente debatida pela equipe responsável por creches municipais... este padrão

²⁸ Faria, Ana Lucia Goulatr .*Educação Infantil Pós LDB: Rumos e Desafios*. P. 70. USFCar.

²⁹ Escolano, Agustín. Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa .R J. 2001

³⁰ . A “super creche de Campinas” 25/12/81 .

de instalação tem despertado atenção do prefeito de São Paulo³¹ e de outras cidades.”

Podemos observar na planta utilizada na construção da creche do Jardim Santa Eudóxia, uma preocupação com a área externa destinada às recreações. Encontramos um mini campo de futebol, parque, área lajotada, tanque de areia e uma área verde na entrada e em uma das laterais do centro infantil. Próximo à porta de entrada estão alinhados os três mastros destinados às bandeiras da Cidade, do Estado e do País.

Na parte interna vemos os corredores circundando todo o centro infantil, servindo de ligação entre as várias dependências, e é através dele que se tem acesso à área externa que fica no centro da construção, onde encontramos areia revestindo todo o chão e um parque instalado. Este modelo arquitetônico ficou conhecido entre os engenheiros responsáveis como “*Forte Apache*”, onde a maioria das atividades realizadas com as crianças privilegiava esta área central que apesar de externa é cercada por altas paredes.

Encontramos uma arquitetura funcional “que não é mais feita simplesmente para ser vista (fausto palácios), ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado- para tornar visíveis os que nela se encontram;³²

A idéia de um *Forte* está intimamente associada à idéia de defesa e de proteção, idéias estas muito caras às políticas de atenção à infância desde o início do século XX.

A área interna é composta de cozinha com despensa, cozinha lactário, refeitório, secretária, sala do médico, banheiros com pias e vasos sanitários pequenos, adequados ao tamanho das crianças, chuveiros para os banhos diários, que fazem parte da rotina de atividades da creche; salas “dormitórios”, lavanderia e um galpão coberto que garante o espaço de recreação em dias de chuva. Esses espaços são interligados por largos corredores que circundam toda a construção. Deste modo torna-se possível

:Estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos.³³

³¹ Reinaldo de Barros, que envia uma equipe à Campinas para conhecer melhor o trabalho desenvolvido pelas creches municipais.

³² Foucault, Michel. *Vigiar e Punir Nascimento da prisão*. Petrópolis. 10ª edição Vozes, 1994.

³³ Foucault, Michel. *Vigiar e Punir Nascimento da prisão*. 1994.

A preocupação com a funcionalidade do espaço aparece na interligação dos diferentes ambientes através de corredores cobertos, protegidos do sol e da chuva. E que se encarregam da distribuição e circulação dos grupos de crianças e adultos.

As salas ambientes, servidas em geral por uma única porta, guardam a função de recolhimento ou agrupamento em que permanecem as crianças para maior facilidade na operação de cuidado e de controle que devem exercer os adultos sobre elas.

No corredor principal encontramos uma área destinada à espera, com bancos de alvenaria, onde os pais aguardam seus filhos terminarem as atividades para em seguida voltarem para suas casas. O espaço destinado a atender a população ficava próximo à entrada, evitando a circulação de pessoas estranhas nas áreas internas destinadas às crianças.



Festa Junina 1982. Observa-se nesta fotografia a altura das janelas.

Encontramos muitas portas duplas de vidro. As janelas, em todos os espaços frequentados pelas crianças, são bem altas impedindo que se visualize a área externa e estando

longe do alcance das crianças evitem acidentes. Alguns destas janelas dão para o corredor interno.

A sala destinada ao serviço médico era a primeira que se avistava à direita da entrada da creche, lá se encontrava a balança para pesar as crianças, armário de medicamentos e arquivo médico com as fichas onde estariam registrados todos os controles físicos estabelecidos sobre as crianças. Do lado oposto localizava-se o berçário e a “dietética”, onde a enfermeira cuidava de preparar e esterilizar mamadeiras e chupetas.

Os bebês tinham locais próprios para banhos e uma cozinha-lactário, numa sala anexa ao berçário. A circulação dessas crianças por outros espaços do Centro Infantil era restrita.

As cores que encontramos nas paredes são as adotadas pela administração municipal: cinza e branca divididas por uma faixa laranja e que não podia ser modificada. Estas cores neutras e padronizadas para uso em todos os prédios públicos, escolhidas para delimitar e reportarem a todos ao partido político a que a administração pública está ligada, nos alerta para a impessoalidade dos espaços públicos mesmo este voltado para a educação das crianças pequenas. Sabemos que as cores têm significado próprio, podem falar de alegria, de tranquilidade, de repouso de dor, etc. Aqui vemos uma tentativa de expressar a calma, a quietude representadas pelo branco e cinza, admitida a alegria trazida pela faixa laranja.

Partindo do pressuposto que o *“espaço físico não se resume a sua metragem, ele é pano de fundo para a ação e demonstra a intencionalidade de quem e para que será usado”*³⁴, olhando para a organização das dependências do Centro Infantil encontramos indícios que nos levam a creditar demasiada importância aos cuidados com a higiene e a saúde das crianças, buscando prevenir doenças, epidemias, acidentes e combater a desnutrição, espaços que determinam o controle e a disciplina, sem que a alegria e o brincar estejam igualmente valorizados.

³⁴ Faria, Ana Lucia Goulart, ob. Cit p. 70

3.2 Fim aos tempos de liberdade

A região do Jardim Santa Eudóxia, na época em que a creche foi construída, contava com muitos terrenos baldios que serviam de pasto para os animais que viviam soltos e para as crianças brincarem nos horários em que não estavam na escola. O espaço do bairro limitava-se por uma fazenda onde ainda se plantava café e se criava gado de um lado e do outro pelo o córrego São Fernando que corria limpo entre as pedras.

As mesmas crianças que organizavam suas brincadeiras neste ambiente de liberdade e múltiplas possibilidades de divertimento percorriam as casas vizinhas pedindo pão amanhecido, roupas, ofereciam-se para pequenos serviços como, limpar caixas de gordura ou fazer jardim e vendiam esterco. Para desfrutar desta liberdade as crianças mais velhas, filhas de mães trabalhadoras, tinham que organizar seu tempo fazendo as tarefas de casa: lavar a louça, esquentar o almoço e cuidar dos irmãos pequenos.

O horário da escola, era organizado em muitas famílias de modo que os irmãos mais velhos se dividissem e estudassem em períodos contrários para se revezarem no cuidado dos irmãos menores.

Com tantas ocupações e responsabilidades, para ainda poderem brincar, as crianças mais velhas, tinham que incluir os pequenos em seus folguedos. Assim era comum ver grupos de crianças de várias idades trepando em árvores, nadando no córrego, pescando alevinos com peneiras, deslizando nos morros em cima de papelão, fazendo guerra de mamona, soltando pipas, correndo.

Muitas crianças perdiam o horário de ir a escola, arrumavam confusão e às vezes se machucavam com seriedade. Para as mães e os adultos moradores do bairro, esta liberdade significava preocupação, pois nem sempre as crianças cumpriam suas obrigações.

Na família popular não é o peso das pressões caducas, mas sim o excesso de liberdade, o abandono nas ruas, e as técnicas instauradas consistem em limitar essa liberdade, em dirigir a criança para espaços de maior vigilância, a escola ou a habitação familiar.³⁵

As surras e desavenças faziam parte da rotina de algumas famílias, que viam na creche reivindicada através do Clube de Mães a solução para seus problemas. Lá seus filhos

³⁵ Donzelot, Jacques. A polícia das famílias.p.48

estariam em segurança, seriam cuidados e esse espaço garantiria tranquilidade para as famílias durante o horário de trabalho. Assim, logo que a creche abriu inscrições, as 370 vagas oferecidas foram preenchidas rapidamente.

Para algumas crianças, principalmente as mais velhas, trocar seus dias de liberdade e autonomia, pela rotina imposta pelo Centro infantil foi muito difícil, outras logo se adaptaram aos cuidados e proteção, como nos contam as entrevistadas:

*“Tinha criança que se recusava a obedecer, tentavam bater na gente, xingavam”.*³⁶

*“O que você acha que acontecia? Prender crianças soltas acostumadas a brincarem nos pastos, no córrego... só podia dar nisso, criança querendo fugir, pulando cerca e nós correndo atrás delas”.*³⁷

*“Nossa, tinha uns que enfrentavam a gente e nós tínhamos que manter a ordem, pois éramos cobradas pelas assistentes sociais”.*³⁸

3.3 Regras para obtenção de vagas

Conseguir vaga na creche não era para qualquer interessado. As famílias tinham que se sujeitar às regras estabelecidas pelo serviço social que via nesse equipamento público, um meio de *“prevenir a marginalidade do menor e assegurar seu desenvolvimento integral.”*³⁹

Encontramos nesta afirmação uma concepção de criança sobre a qual poderemos imprimir uma educação precoce, voltada para os bons costumes e a moral antes que a sociedade tenha a chance de corrompê-la.

Tem a creche o objetivo da criação de patrimônios culturais, e de prevenir desvios de condutas e o excesso de liberdade. As famílias que procuram a creche eram vistas como zelosas de suas funções de educar suas crianças.

³⁶ Entrevista Nº 2 com a Luzia Z. Delgado

³⁷ Entrevista com Maria Leonor Damaceno em 08/05/05

³⁸ entrevista com Marli Helena Purchatti

³⁹ A Super Creche de Campinas. 25/12/81

Os critérios para a obtenção de vagas eram rígidos e a vigilância posterior para mantê-la também, como nos mostra esta entrevista da secretária da Promoção Social concedida a um jornal local:

*“O direito a vaga nas creches passa pelos seguintes critérios: ordem de chegada, renda familiar de até três salários mínimos, exercer preferencialmente a profissão de empregada doméstica, faxineira, ser mãe solteira, viúva ou separada do marido.”*⁴⁰

Esses critérios para ingresso e manutenção da vaga, procuravam beneficiar as famílias menos favorecidas, ou melhor, cujo modelo familiar escapa ao padrão idealizado nas políticas e estatísticas oficiais, a quem se atribua a incapacidade de educar seus filhos e sobre a qual o Estado exerceria controle e vigilância através desse equipamento público. Sobre estas crianças *“se instalará uma infra-estrutura de prevenção, iniciando-se uma ação educativa que possa oportunamente retê-lo aquém do delito”*⁴¹.

A vaga da criança estava vinculada ao emprego da mãe e esta tinha que apresentar “uma ficha assinada pela patroa da pretendente a vaga, onde é firmado o compromisso de aviso à direção do Centro Infantil, quando a empregada domestica deixar seu trabalho”⁴².

A forma como era conduzida a seleção para a obtenção de vagas nos revela “uma pedagogia da submissão, uma educação assistencialista marcada pela arrogância que humilha para depois oferecer o atendimento como dádiva”,⁴³ com formas rígidas de domínio tanto sobre as famílias como sobre as crianças.

Uma forma de controle era a apresentação constante de comprovantes de empregos que às vezes “*continham assinaturas diárias do empregador*”.⁴⁴ Se a mãe perdia o emprego, tinha a princípio quatro dias para conseguir outra colocação e assim manter a vaga para o seu filho, sendo que em algumas creches o total de dias dado poderia chegar a dez. Sem obter emprego neste prazo a vaga poderia ser oferecida à outra criança.

No mês de férias das mães que possuíam “carteira assinada”, a quem era garantido esse direito trabalhista, os filhos eram impedidos de frequentar a creche. Mesmo para as

⁴⁰ idem

⁴¹ Donzelot, Jacques. A policia das famílias.p.92

⁴² idem

⁴³ Kuhlmann, Moises Jr. Educação Infantil e Currículo, in Educação Infantil Pós LDB: Rumos e desafios.

⁴⁴ Ferreira, Anna Angélica Ramos. Um Breve Histórico das Escolas Municipais de Educação Infantil e dos Centros Municipais de Educação Infantil do Município de Campinas (1940-1990) p. 87

crianças mais velhas em idade pré-escolar e que as famílias desejassem continuar a fazer uso deste serviço, o direito era interditado.

Apesar de não preencher esses pré-requisitos as funcionárias, tinham prioridade de vaga para seus filhos e muitas fizeram uso deste direito. Porém nas dependências do Centro Infantil havia restrições que essas mulheres e suas crianças deviam seguir, como relata Marli H. Purchati:

Para o bom andamento do serviço, *“era proibido mãe e filho ficarem juntos na mesma turma. Nossos filhos também não podiam trocar carinhos ou conversar conosco. No começo as crianças não entendiam esta regra e procuravam suas mães, o que nos causava apreensão e receio de sermos advertidas.”*⁴⁵

3.4 Higiene e alimentação.

A rotina de funcionamento no Centro Infantil era pautada no cuidado, alimentação, higiene, recreação e prevenção de doenças, contando com a visita semanal de médicos que examinavam todas as crianças e com o serviço da atendente de enfermagem.

Na apostila usada no “I Treinamento de Atendentes de Enfermagem”, já citada anteriormente, são descritas algumas doenças da infância e procedimentos a serem usados a fim de padronizar as condutas médico-sanitárias nas creches e parques infantis, procurando evitar epidemias, um das preocupações do poder público, devido ao aumento do número de crianças convivendo juntas nas creches públicas da cidade. Em 1981 a cidade contava com dezessete creches em funcionamento das quais doze construídas na administração Francisco Amaral.

O controle da higiene das crianças era grande: toda semana além de passar o pente fino, revistava-se as unhas e examinava-se a “sacolinha” para verificar a higiene das roupas trazidas de casa.

Os bebês assim que chegavam eram banhados e tinham suas roupas trocadas pelas que a creche oferecia. Para evitar acidentes com os alfinetes, as fraldas de tecido eram amarradas ao corpo do bebê com um nó, os shorts apresentavam elástico na cintura e pernas e

as camisas eram amarradas nas costas sem o uso de botão que se arrancado poderiam causar acidente. Seu uso era coletivo sem identificação de pertencimento. Essas roupas eram lavadas e passadas na lavanderia da instituição e inspecionadas pela auxiliar de enfermagem.

Para as crianças maiores de dois anos o uso de uniforme, camiseta branca e short azul marinho era condição indispensável para a frequência na creche e a sua limpeza era observada .

A desnutrição infantil é citada em reportagem jornalística como uma das preocupações do poder público. Na matéria encontramos referencia a uma pesquisa sócio-educativa realizada pela Faculdade de Educação da UNICAMP⁴⁶, onde se constatou que a população carente na faixa de 0-6 anos na cidade era de 16.080 crianças (para uma população de 600 mil habitantes) e que a probabilidade de sobrevivência das crianças campineiras era de 72% sendo que 28% eram carentes de assistência medico-alimentar.

Atendendo a família carente situada na faixa de renda na faixa de até três salários mínimos, as creches atuavam diretamente neste processo de combate a desnutrição, reduzindo o índice de crianças em condições de subnutrição. Esse fato levou a administração pública a dar grande importância à alimentação, como forma de prevenir e combater a desnutrição através dos centros infantis.

À frente do programa de nutrição encontraremos as nutricionistas e a economista doméstica, que organizavam o cardápio onde eram oferecidas às crianças refeições balanceada composta de 2.100 calorias diárias necessárias para garantir um bom desenvolvimento físico.

A importância dada à aquisição de hábitos alimentares sadios e da experimentação de novos alimentos são lembrados e noticiados, como o sucesso de prevenir e combater a subnutrição: *“na creche do Jardim Santa Eudóxia, várias crianças com diagnostico de subnutrição e, até mesmo uma, com alto risco de vida que ingressou no início do ano, quando a creche foi inaugurada, já estão com o peso ideal”*.⁴⁷

⁴⁵ Entrevista com Marli H. Purchatti

⁴⁶ Correio Popular reportagem: A super-creche de Campinas. 25/12/1981

⁴⁷ Correio Popular reportagem: A super-creche de Campinas. 25/12/1981

3. Rotina

Na organização do Centro Infantil as crianças eram divididas por turmas segundo suas idades não havendo distinção de sexo, apesar de encontrarmos na planta utilizada na sua construção sala de repouso para meninos e meninas.

Na reportagem “*A Super Creche de Campinas*” publicada no Correio Popular, já citada, encontramos a descrição da rotina de uma criança de três anos, freqüentadora desta instituição:

Higiene ao chegar, café da manhã, recreação dirigida ou aula com professoras para as crianças em idade escolar (4 a 6 anos), higiene, almoço, higiene com escovação de dentes, sono, higiene, lanche, recreação para todas as crianças, higiene com banho, jantar. Para as crianças que permaneciam na creche após as 17:30 horas havia recreação e lanche.

As pajens eram orientadas a seguirem rigorosamente esta rotina e também o planejamento das atividades recreativas elaboradas pelas pedagogas e psicólogas, onde constavam às atividades como relata a orientadora pedagógica da primeira equipe multidisciplinar:

*“As primeiras orientações sobre atividades era do tipo manual: faça, cumpra-se, já trazíamos prontas. As pajens as recebiam em formulários, conhecidos como grade de atividades, com dia e horário para serem executadas”.*⁴⁸

Algumas pajens encontravam dificuldades em cumprir estes planejamentos por serem analfabetas ou terem “pouca leitura” e não conseguirem entender o que era para ser feito, como relata a sr^a Anésia de Freitas Aguiar:

“Às vezes eu colocava aquelas folhas no chão e rezava pedindo que Deus me orientasse para que eu pudesse cumprir o que estava escrito naquele papel”.

Outra dificuldade apontada era entender o objetivo e o desenvolvimento de algumas atividades:

⁴⁸ Entrevista com Marta Pereira, primeira orientadora da creche, em 15/09/04

“ No planejamento as vezes vinha descrito brincadeiras que nós não conhecíamos. Como poderíamos cumprir? Nós mudávamos a atividade porém por medo de sermos advertidas nada contávamos para as Assistentes Sociais. ”⁴⁹

Entre a equipe técnica formada por mulheres munidas de seus ideais burgueses e as mulheres do Clube de Mães, agora funcionárias públicas, percebemos a relação de tensão e poder onde não são considerados os saberes das mulheres oriundas das classes populares, com pouca instrução formal. Como nos aponta Donzelot:

É ainda mais significativa a diferença de posições táticas em que se encontram a mulher burguesa e a mulher popular. Através da revalorização das tarefas educativas se estabelece, para a mulher burguesa, uma nova continuidade entre suas atividades familiares e suas atividades sociais. Ela descobre um domínio de missão...Na propagação das novas normas assistenciais e educacionais.⁵⁰

Como nem sempre as assistentes sociais estavam presentes elas burlavam o planejamento imposto: *“principalmente de sábado à tarde nós fazíamos bolinhos de chuva, salgadinhos, passeávamos pelo bairro, dávamos banho de esguicho nas crianças em tardes de muito calor, íamos a feira comprar pastel”*.⁵¹



Passeio – feira

⁴⁹ Entrevista com Maria Leonor Damaceno.

⁵⁰ Donzelot. A polícia das famílias. P. 47

O carinho e o cuidar era o que de melhor essas mulheres faziam para essas crianças, e apesar de desautorizadas em seus saberes de como lidar com essas elas procuravam fazer atividades que acreditavam serem prazerosas.

Procurando equilibrar o cuidar e o educar, preocupação que começa a surgir entre a equipe técnica responsáveis pelas creches municipais, como nos mostra a entrevista da secretária da promoção social *“a assistência pedagógica nos centros de educação infantil desenvolve-se ao nível de planejamento das atividades diárias... os objetivos visados por essas atividades são o desenvolvimento sócio emocional com ênfase para a comunicação... e o desenvolvimento físico motor⁵²”*, a forma de planejar e de treinar para o trabalho foi se aperfeiçoando.

Em pouco tempo a equipe técnica muda à forma de treinamento para o trabalho, como recorda a sr^a Marta Pereira:

“Com o tempo vimos que não dava resultado os planejamentos prontos e iniciamos outra forma de trabalho com oficinas onde conversávamos sobre as atividades, ensinávamos músicas, jogos recreativos e juntas montávamos a grade de atividades buscando que elas compreendessem os objetivos da nossa proposta para que quando não estivéssemos presentes às coisas acontecessem.”⁵³

Percebe-se que o que mudou foi à forma de impor a cultura formal, já que músicas e brincadeiras eram ensinadas para as funcionárias, porém continua-se a desconsiderar a cultura e o conhecimento das funcionárias, que por serem moradoras do bairro poderiam contribuir, apontando as brincadeiras preferidas das suas crianças.

O perfil profissional das funcionárias, encontrado na educação infantil, mulheres com pouca escolaridade e com dificuldades em acompanhar os treinamentos em serviços que exigissem o domínio da leitura e escrita, é associado à concepção assistencialista:

Se queremos apenas garantir um lugar seguro e limpo onde as crianças passem o dia, o profissional deverá apresentar características apropriadas para essa

⁵¹ Entrevista Nº 2 com a Luzia Z. Delgado

⁵² Correio Popular. Creches: a solução está na participação comunitária 4/06/1978

⁵³ Entrevista com a Marta Pereira já citada anteriormente.

A qualidade do desempenho profissional destas pajens dependerá de suas características individuais e do seu envolvimento com a comunidade. O envolvimento das pajens com a comunidade é fato esse presente na creche do Jardim Santa Eudóxia já que todas as funcionárias eram moradoras do bairro, tinham alguns de seus filhos matriculados nesta instituição e faziam parte de grupos religiosos, da associação de bairro juntamente com outras famílias usuárias da creche.

A creche no Brasil se constituiu como uma instituição historicamente voltada para as classes menos favorecidas, destinada à infância pobre, com uma proposta educacional pautada no assistencialismo, dirigida para a submissão das famílias e das criança. Em entrevista para um jornal local a secretária de promoção social aponta:

*“A instituição de creches tem que ser vista como zelo do poder público e como tratamento preventivo de um problema social que revela também o zelo da família usuária deste benefício, procurando garantir, aquilo com que ela, pelas características sócio econômicas e culturais não pode arcar sozinha”.*⁵⁵

Esta visão compensatória, com o objetivo de suprir as deficiências de saúde, nutrição, escolares e as do meio sócio cultural, faz com que a criança crie uma imagem desfavorecida do seu círculo social e de si, pois muito deste atendimento está pautado no favor e não no direito da criança e sua família.

A creche historicamente surge da necessidade de acolher os filhos das mulheres pobres para a liberação de mão de obra para o trabalho, não como substituta da família, ela é antes um instrumento do Estado encarregado de promover um processo de civilização, de condicionamento e de autocontrole, que se inicia na infância, com vistas à produção do indivíduo, futuro cidadão. Esse processo de produção do indivíduo é uma necessidade para a manutenção do modelo de sociedade ocidental moderna.

Para as mulheres do Clube de Mães, oriundas de famílias pobres, eram outros ideais que as levaram a realizar esse movimento por uma creche pública: o de assegurar às crianças o direito à infância garantindo espaço para brincadeiras, cuidados e educação.

⁵⁴ Campos, Maria M. Educar e Cuidar: Questões Sobre o Perfil do Profissional de Educação Infantil. p.32

⁵⁵ Correio Popular 04/06/78 já citado

IV Considerações finais

E a luta continua

O declínio do Clube de Mães acontece paulatinamente e após três anos da inauguração do Centro Municipal de Educação Infantil “*Maria Antonina Mendonça de Barros*” suas reuniões deixam de existir. Como nos mostra Lapassade, “*O grupo morre, dispersar-se, quando não tem mais objetivos a atingir*”.⁵⁶

Os objetivos que uniam essas mulheres foram alcançados: a creche do Jardim Santa Eudóxia é realidade, algumas mulheres militantes desse movimento reivindicatório tornam-se funcionárias públicas e os conflitos iniciais entre o grupo e equipe técnica foram superados.

Em seus depoimentos, as mulheres lembram com saudades das reuniões do Clube de Mães e as mudanças ocorridas em suas vidas a partir dessa participação.

Algumas mulheres participaram de outros movimentos sociais: A sr^{as} Jacyntha Westin, Zilda Rosa da Silva e Irene Cintra Santos, foram presidentes da Sociedade Amigos do Bairro Santa Eudóxia onde outras militantes do clube de Mães ocuparam cargos de diretoras. A sr^a Maria Leonor Damaceno continua atuando na organização da Associação dos Moradores da Ocupação e foi diretora fundadora do Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Municipal de Campinas.

As mulheres filiaram-se ao Partido dos Trabalhadores no início da década de oitenta, e nele ainda militam. Participam ainda de Movimentos Étnicos, das Pastorais ligadas a Igreja Católica e outras se tornaram líderes evangélicas.

Enquanto funcionárias públicas colaboraram na fundação do Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Municipal, acompanharam com interesse a passagem das

creches municipais da Secretária da Promoção Social para a Secretária Educação em 1989. Participaram das lutas para redução de jornada aos sábados, (conquista alcançada em 1989), e o turno de seis horas (implantado em 2004).

Na esfera pessoal todas apontam transformações como as lembradas pela sr^a Luzia Z. Delgado:

“Era sonho de todas nós possuir casa própria, carro, telefone e respeito. Hoje muitas de nós conseguimos e eu agradeço ao Clube de Mães e a essa Creche que ajudei a construir e onde eu espero me aposentar. Tudo o que tenho saiu daqui.”

Muitas mulheres disseram que aprenderam na prática a melhor forma de atuarem com monitoras das crianças pequenas. Creditam ao fato de serem mães e de gostarem do que fazem, o bom desempenho profissional, porem acreditam na necessidade de uma formação específica para trabalhar-se com as crianças pequenas.

A passagem das creches da Secretaria da Promoção Social para a Secretaria da Educação acarretou alterações significativas no quadro funcional das creches, com professores atuando em todas as turmas desde o berçário e dividindo as responsabilidades com os profissionais que ali atuavam.

Essas mudanças também foram conflitantes para o professor e para a equipe técnica que estavam chegando, pois na nossa formação a educação de crianças pequenas e suas especificidades não foram contempladas, constituindo um campo novo de estudo.

Os objetivos educacionais dos centros de educação infantil, também foram se modificando e vem se configurando onde a creche passa a ser um espaço de direito da criança e” *novas necessidades da criança pequena são valorizadas e, para serem satisfeitas, necessitam de instituições especializadas*”⁵⁷ o que demanda profissionais capazes de colaborar na transformação de um equipamento social em sócio educacional e que respeitem os direitos fundamentais das crianças.

⁵⁶ LAPASSEDE, já citado p. 233.

⁵⁷ ROSEMBERG, Fúlvia p. 170

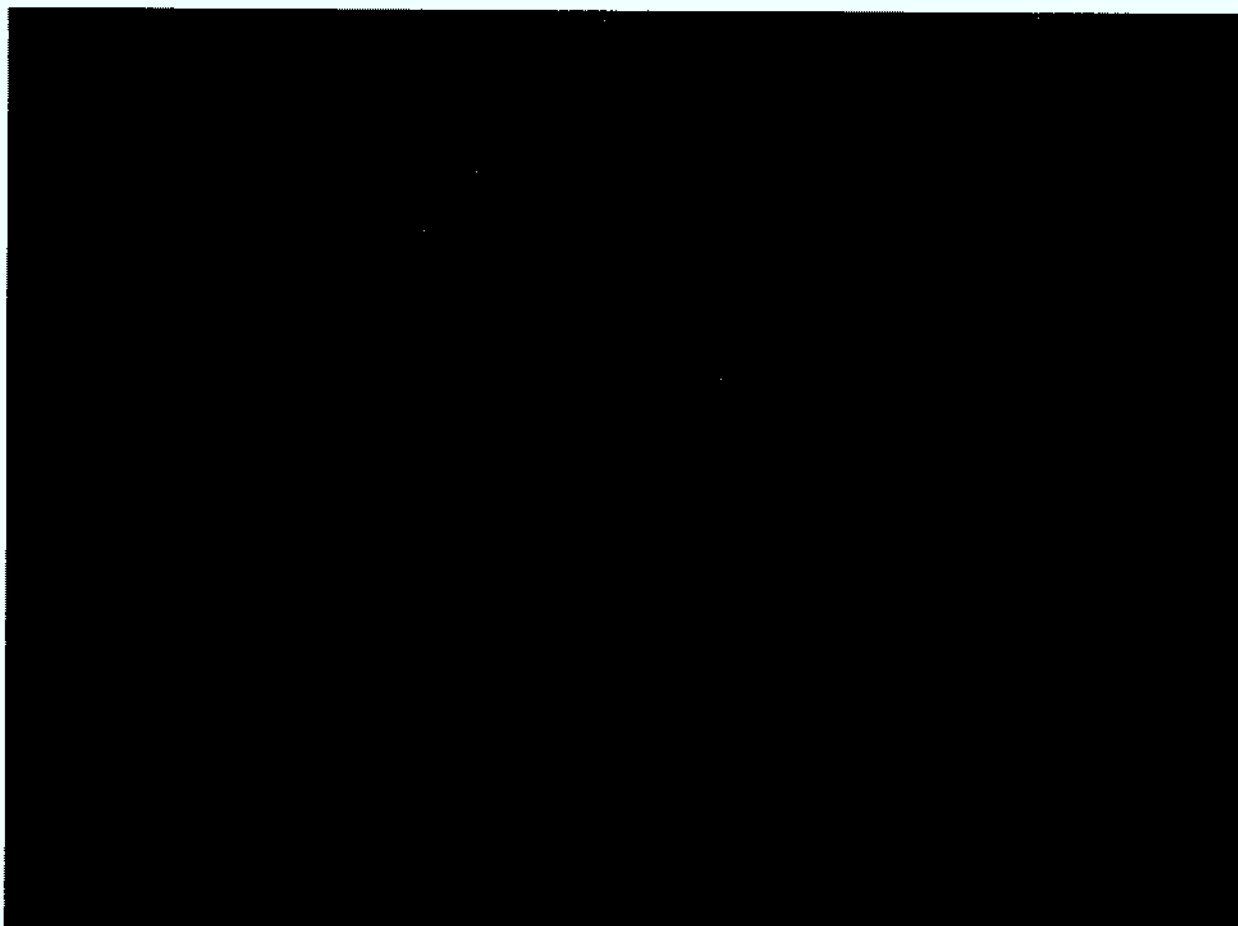
Termino esta pesquisa desejando que as especificidades do Centro Municipal de Educação Infantil “*Maria Antonina Mendonça de Barros*”, aqui apresentadas venha a contribuir na atuação dos profissionais desta instituição através de um trabalho cooperativo e singular.



A equipe atual de funcionários. outubro 2005.

Anexo A

– Notícia sobre a inauguração do Centro Infantil



Jornal de Hoje 14/04/1981

Fundação Sociedade Amigos do Bairro do Jardim Santa Eudóxia

prazo de sua duração. II) Será a sociedade administrada pelo sr. Gilberto Parada, e da mesma forma representada ativa e passivamente, em juízo ou fora dele. III) A forma de administração da sociedade poderá ser reformulada por mutuo consentimento dos sócios. IV) A responsabilidade dos sócios é limitada ao valor do capital social. V) A sociedade poderá ser dissolvida por mutuo consentimento dos sócios. Nesse caso, o patrimônio, lucros ou prejuízos serão partilhados entre os sócios proporcionalmente ao capital de cada um. VI) O contrato foi apresentado em cartório pelo sr. Gilberto Parada.

Campinas 20 de julho de 1978

Gilberto Parada

(Cr\$ 405,00)

(28)

SOCIEDADE AMIGOS DO BAIRRO DO JARDIM SANTA EUDOXIA

I) A sociedade em referência, foi fundada nesta cidade, onde tem sua sede, no dia 23-4-1978, e tem por finalidade, dentre outras mencionadas no artigo 3.º: Promover a amizade firme e inquebrantável entre os seus diversos associados, através de prática contínua de bons princípios de solidariedade cristã, respeito mútuo, delicada atenção, boas maneiras e elevação de sentimento. E indeterminado o prazo de sua duração. II) Será a sociedade administrada por uma diretoria executiva integrada de Presidente, 1.º, 2.º e 3.º Vice-Presidentes, 1.º, 2.º e 3.º Secretários, 1.º, 2.º e 3.º Tesoureiros e 6 Diretores Adjuntos. Cabe ao Presidente representar a sociedade ativa e passiva, judicial e extrajudicialmente e o mandato da diretoria é de 3 (três) anos. III) Os estatutos não poderão ser reformados antes de decorridos 3 anos da data em que começarem a vigorar. IV) Os sócios não respondem, subsidiariamente, pelas obrigações sociais. V) No caso de dissolução da sociedade, pagos todos os compromissos, o remanescente de seus bens reverterá em benefício de uma obra congênere, sempre sediada no município de Campinas, a juízo da Assembléia que determinar o encerramento das atividades. VI) A diretoria com mandato até o dia 30-1-1981, é a seguinte: Presidente: José Noel Terra, brasileiro, solteiro, maior, funcionário público municipal, aqui residente. 1.º Vice-Presidente: Alduino Cristovam da Silva. 2.º Vice-Presidente: Moacyr Benedito Pereira. 3.º Vice-Presidente: João Antonio Correa. 1.º Secretário: Maria Aparecida Alves. 2.º Secretário: Zevaldo Domingues dos Santos. 3.º Secretário: Maria Celina Cardoso Oliveira. 1.º Tesoureiro: Victor Westlin, brasileiro, casado, encarregado de restaurante, aqui residente. 2.º Tesoureiro: Orlando Bressani Garbim. 3.º Tesoureiro: Gonzalo José Augusto.

Campinas, 25 de julho de 1978.

José Noel Terra — Presidente

(Cr\$ 540,00)

(28)

Anexo C

Decreto nomeação do Centro Infantil

DECRETO N.º 5973 DE 10 DE MARÇO DE 1.980.

DÁ DENOMINAÇÃO ÀS CRECHES DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1.º — As creches em construção e que entrarão em funcionamento neste ano de 1.980, denominar-se-ão:

- I— Centro Infantil ISAURA QUÉRCIA da Vila 31 de Março;
- II— Centro Infantil MARIA BATRUM CURY da Vila Perseu Leite de Barros;
- III— Centro Infantil HAYDÉE MARIA PUPO NOVAES do Parque Universitário;
- IV— Centro Infantil MARIA ANTONINA MENDONÇA DE BARROS do Jardim Santa Eudóxia;
- V— Centro Infantil LÍDIA BENCARDINI MASELLI do Jardim Capivari.

Artigo 2.º — Este decreto Entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 10 DE MARÇO DE 1.980.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal de Campinas

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENG.º DARCY STRAGLIOTTO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

PROF.ª MARIA HELENA BONA VITA MAMBRINI
Secretária de Promoção Social

Redigido na Consultoria Técnico-Legislativa da Secretaria dos Negócios Jurídicos, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 10 de março de 1.980.

DR. ITAGIBA D'ÁVILA RIBEIRO
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

Anexo D

Mensagens e assinaturas de visitantes

Campinho, 28 de Março de 1981
"Máximo Benefício Social"

A Secretaria de Promoção Social entrega hoje, à comunidade laborista do Jardim Santa Eudóxia, o Centro Infância "Maria Antônia Mendonça de Barros" cumprindo meta prioritária do Governo Francisco Assunção.

É a sétima concluída, das dezesseis creches programadas. A elas se somam outras quatro concluídas e equipadas fornecerão mais 5.400 crianças atendidas com ensino e desporto pela mesma Secretaria.

Com isto se confirma a fidelidade do Máximo Benefício Social que o Prefeito Francisco Assunção definiu como política de seu governo.

Assunção Francisco - Secretário de Promoção Social

Leoceto Passol.

Geophila *Geophila*

maia m. *Quaral*

Maia *Maia* *Maia* *Maia*

Maia *Maia*

Maia *Maia* *Maia*

Maia *Maia* *Maia*

Maia *Maia* *Maia*

Maia *Maia* *Maia*

Maia *Maia* *Maia*

Maia *Maia* *Maia*

Maia *Maia* *Maia*

Maia *Maia* *Maia*

Maia *Maia* *Maia*

Maia *Maia* *Maia*

Maia *Maia* *Maia*

Maia *Maia* *Maia*

Maria Sine da Silve
Barbela dino Lambicchi
Mad' Helena Buchatti dos Santos
Regina Gomes
Madelene R. de Castro Cardeira
Juana Nappi Oliver
Sr. Francisca de Oliveira
Joana Luiza F. Moraes
O. Paqueta M. Que. D. Benta
Mes. Staciotto.
Gaudici' Ella Peduzzi
Estelinda Pedruzza Silve
Jovana Jo. Guisano
Monica da Glor. R. Canalle
Lucimar Soares de Jesus
Maria do Carmo
Jovana do Carmo Santo
Elisa Maria da Silva
Rosaquel da Silva

Henri Antonio Marchi
Gentia Lema da Silva
Lyndell Florio de Silva
Lilvio d. Jovan
Walter Ferreira Sedus
Juli Paupais
Henrich' M. Silve
João Cip de Oliveira
Adelia Alacadio Chudade
Fozé Agelo do Peio
Imetirio Antonio Pedro
Joana Judith Rego
Cassia M. Bacello.
Marice James de Oliveira
Acamelide Joviano da Oliveira
Glaura Helena Percevalho
João de Jesus Canalle
Francisco Maria de Jesus
Maurice de Andrada de Aguiar

Marisa Inacio

Geni Costa Baptista

Julia Santana Bonacadio

Ilene Sueir Gomes

~~Olivia~~

Jose Francisco J. Maia

Guilherme Henrique

~~Guilherme Henrique~~

Marcelo Henrique

Alia de Costa Barbosa

Lincoln Brinckman

Francisco Carlos Brito

Luciana Figueira de Sousa

Juliana Alina de Souza

Marina Pereira

Daiane Ramos Campos

Marina de Sousa R. Campos

Francielle Pereira

Helena de Jesus R. Campos

Marceline de Oliveira

Adriana Brito Gomes

Luciana Helena Capacida Magalhães

~~Adriana Brito~~

Edilson Geraldo Landeira

Paula Sylvia Souza

Adriana Silva

Ala Leão

~~Ala Leão~~

Marcelo Nira

Resolução da União

Marcos de Oliveira Pente

Dosilva Silva

Luciana Augusta de Oliveira

Olivia Angélica de Camargo

Alia Regina de Silva

Luciana de Souza

Joanna Pereira e Silva

Joanna Barbara do Santo
Manda Regina Netun
Regina Lucia de Saiva
Luciana Regina M. Santo
Rosamaria Esp. Simioni
Claire Lourenço.
Julene Selma
Dorinda Cristina Pinheiro
Christiane Lupatelli
Eudora Nova Sarda
Mareia Maria de Oliveira
monelle Paratimao
Lucia Maria de Souza
Margarida Maria Cadeo
Maurilio Jamias Pereira
Anistina Rosa de Lima
Rita de Passio Lima
Marcelle D. Amiguel Lima
Celiana Teixeira de Almeida

Maria Estela Cambiaghi
marizema da Silva
Caterina Ciparreda de
Campos
Ruber Ciparreda Reringo de
Dalla
Márcia Ciparreda
Maria Jener S. Damasceno
Dorba Elza Senense
Milton Senense
Vicente Elza
Eparreda Elza
Rosângela Da. da Silva
Maurita Silva Paulo
Ana Maria Helio Amaral
Genival Lequeto
Rosa Maria Alves de Souza
Jure Ciparreda. Rains de Lima
Regiane Maria de Senesalves

10-7-89.

Com muita luta, um grande abraço pela
natureza

James H. Connor

Foro Apunado n. almeida
 Sebastianes Ede Almeida

Opavida Enxada das Juntas
Um Pande Alago
Candia Pereira Alves Andoga
Jellig a pramen pr
Cuida dos shomano de Enxada
Zilda Raa da Silva

19/8/81 Entremem Pridny. Parabéns,
isto mostra que o povo pode e deve fazer
a sua vida.

2011 81 Cedar Street, Hartford

carbam populeoid etc. berberis sp. var.
 (the same) such is not.

A organização, limpeza e
reabilitação ordena desde seu
seu infantil, repleto de
o espírito das pessoas
que a reedificaram, e que
continuam lutando pela
grandesidade das coisas
eas que aqueceram
das muietas e
fatos os lutadores e

algamijados mecaim
grande aploato

Maitha M. Anwar

1-12-1981

Miss Henrietta Cavendish.

Aug. D.O.V. 0 14/12/81.

$$\underline{25/5/1982}$$

de uma alguém, mesmo que não tenha de quê
a grande bem que a liberdade desta casa e que sempre

O trabalho socialista, prático e concreto prescelto a fim de proporcionar um progresso que surtem. E' este o primeiro passo que a Crecia "Out-nina" proporciona ao Brasil "atrasado, de pouco desenvolvimento representado".

Wm. McKim & Co. Builders
New York

MARTIN EGA DE ALMEIDA

Asesinamiento,
e ino agredimento pelo
opre que me deu a
muito sensibilidade
pelo movimento tribal
que realiza
30/09/86 Maria Aparecida

gradido e gentileza de sua
faleiros, para me proporcionar
a maior alegria em receber
a dependência desta fidei-
com tanta vivência sobre-
nos e bem sucedida. Todos
funcionários estão muito satis-
feitos.

California, 29-XX-58

Edw. T. Nelson

Chilodactylus tenuis de
Macleay - Um adipe para as
cinturas.

Sampras, 29-6-89

V Bibliografia

- ALVES, Doraci. *Marginais da história? O movimento dos favelados da assembléia do Povo*. 2ª edição. Campinas, S. P: Alínea editora, 1997
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão Biográfica*. In: Usos e abusos da história oral. 2ª edição. Marieta de Moraes Ferreira, Janáina Amado (orgs). R.J.: FGV Editora, 2001.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Trad. Anede Telles; R J: Zahar Ed., 2001.
- CAMPOS, Maria M. *Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil*. Brasília: MEC, 1994
- CAMPOS, Maria Cristina S. de Souza. *A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórico-sociológica da memória familiar*. In Reflexões sobre a pesquisa sociológica. 2ª edição. Textos > série 2, n.3, p 73-86, 1999.
- _____. *Critérios de atendimento para uma creche que respeite os direitos fundamentais da criança*. Brasília: MEC, 1905
- DAVILSON, Françoise. *As creches realização, funcionamento, vida e saúde da criança*. Trad. Carla Zacaria; Lisboa: Ed. Portuguesa de Livros Técnicos e científico, 1983.
- DEMARTINI, Zélia de Brito f. *Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais*. In: Vonsimon, Olga R. de M (org) *Experimento com histórias de vida. Itália-Brasil*. S.P: Vértice, 1988.
- DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Trad. M. T. da Costa Albuquerque 2ª edição; RJ: Edições Graal, 1986.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos Indivíduos*. trad. Vera Ribeiro. R. J.: Zarar editora. 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir nascimento da prisão*. trad. Ligia M. P. Vassallo. 11ª edição. Petropolis: Vozes, 1987
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e História*. SP: Cia das Letras, 1989.

GOERGEN, Pedro. Espaço e tempo na escola: a liquefação dos sólidos modernos. *Avaliação Revista da rede da avaliação institucional da educação superior*, Campinas, v.10, n.2, p.47-67, junho.2005

GOHN, Maria da Glória Marcondes. *A Força da Periferia*. Petrópolis. Vozes. 1985

GOUTART Faria Ana Lucia e Marina Silveira Palhares (orgs.). *Educação infantil pós LDB: rumos e desafios*. 2ª edição. Campinas: Autores Associados, 2000.

LAPASSADE, Georges. *Grupos, organizações e instituições*; trad. Augusto de Araújo Mesquita. 2ª edição. R. J: ed. F. Alvas, 1983.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. S. P.: T. A. Queiroz editor.

_____. *O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha técnicas: algumas reflexões*. In Reflexões sobre a pesquisa sociológica. Alice B. da S. G. Lang (org.) S.P.: CERE, 1992

QUINTEIRO, Jucirema. *Infância e educação no Brasil: um campo de estudo em construção*. In: Por uma cultura da infância. Ana Lucia Goulart de , Zélia de B. F. Demartini e Patrícia Prado (org). Campinas: Autores Associados, 2002.

KUHLMANN JUNIOR, Moises. *Educação infantil e currículo*, in *Educação Infantil Pós LDB: Rumos e desafios*. Ana Lucia Goulart de e Faria Marina Silveira Palhares (orgs.). 2ª edição. Campinas: Autores Associados, 2000.

NASCIMENTO, Maria Evelyn. *Os profissionais de educação infantil e a nova Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional*. In: Ana Lucia Goulart de e Faria Marina Silveira Palhares (orgs.). 2ª edição. Campinas: Autores Associados, 2000.

ROSEMBERG, Fúlvia. *A Educação pré escolar brasileira durante os governos militares*-. cad. Pesquisa SP: Nº 82 p. 21_30. Agosto 1992.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

VIÑAO Frago, Antonio. *Currículo, espaço e subjetividade: A arquitetura como Programa*. trad. Alfredo Veiga Neto. :2ª edição.

Documentos:

PROJETO de Construção e funcionamento de um centro Infantil. Secretaria de Promoção social apostila 1977.

DECRETO nº 5973, de 10 março de 1980. *Denominação as creches do município de Campinas*. Março 1980.

DIÁRIO Oficial de São Paulo. *Editais de fundação da Sociedade Amigos do Bairro do Jardim Santa Eudóxia*. 28/07/1978

SERVIÇO de documentação e Pesquisa - Acervo Municipal de Campinas. *Prefeitos e Intendentes Municipais de Campinas*. Manuscrito.

_____. Administração Francisco Amaral documentário 1981 volume 18 Gabinete do Prefeito. _____ Planta arquitetônica de escolas e creches da Campinas.

CNBB. 7ª reunião Ordinária do Conselho Permanente. Brasília, 23 à 26/11/1982.

Jornais :

AMARAL, Francisco. Política de ação social para Campinas. *Diário do Povo*, 10/10/72. In pasta nº 529 Hemeroteca de Biblioteca Municipal “Carlos Zink”.

AMARAL Está Despachando Junto com os Favelados. 08/05/79. *Diário do Povo* In Pasta nº 530 Hemeroteca de Biblioteca Municipal “Carlos Zink”.

MENOR, a prioridade da Promoção Social. *Diário do Povo*, 31/12/78, p. s/n In Pasta nº 868 Hemeroteca de Biblioteca- Municipal “Carlos Zink”

MAIS uma creche será Inaugurada. *Diário do Povo*, 19/03/81. In Pasta 194 Hemeroteca de Biblioteca - Municipal “Carlos Zink”

SÃO PAULO veio ver as creches da cidade. Sem identificação do jornal, 30/07/81 In Pasta 194 Hemeroteca de Biblioteca - Municipal "Carlos Zink"

CRECHES: a solução está na participação comunitária. *Correio Popular*, 04/06/78, In Pasta 194 Hemeroteca da Biblioteca Municipal "Carlos Zink"

CECHES são insuficientes. *Correio Popular*, 19/10/80 In Pasta 194 Hemeroteca de Biblioteca Municipal "Carlos Zink"

TRES mil crianças ficarão sem creche. *Correio Popular*, 19/12/82 In Pasta nº 868 Hemeroteca de Biblioteca Municipal "Carlos Zink"

NOVA Creche Atende 354 Crianças. 14/04/81. *Jornal de Hoje* In: Administração Francisco Amaral documentário 1981 volume 18 Gabinete do Prefeito. Serviço de documentação e Pesquisa - Acervo Municipal de Campinas.

Tcc, dissertações e teses

FERREIRA, Anna Angélica Ramos. *Um Breve Histórico das Escolas Municipais de Educação Infantil e dos Centros Municipais de Educação Infantil do Município de Campinas (1940-1990)* TCC UNICAMP 1996

LEONARDI, Paula. *Puríssimo Coração: um colégio de elite em Rio Claro*. Dissertação de Mestrado UNICAMP 2002.

MORASUTI, Daniela. *Colégio Progresso Campineiro: os primeiros cinquenta anos*. TCC UNICAMP, 1977.

SCHMIDT, Eleni Medeiros. *A pré-escola: Sua História e Perspectivas*. Campinas: TCC UNICAMP, 1995.